ANÁLISE DA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL (ODU) E OS ESFORÇOS QUE ESTÃO SENDO REALIZADOS PARA A SUA TRANS-FORMAÇÃO EM LINGUAGEM UNIVERSAL DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA

Regina Maria Soares de Oliveira

Dissertação apresentada ao Curso de PósGraduação (Mestrado) em Ciência da Infor
mação do Instituto Brasileiro de Informa
ção em Ciência e Tecnologia - IBICT /
Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ

ORIENTADOR: Prof. Astério Tavares Campos, Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília

RIO DE JANEIRO

"Pensar é classificar".

John Dewey

"A classificação é um processo intelectual pelo qual reconhecemos semelhanças ou unidade em nossas imagens ou conceito das coisas. Por esta semelhança ou unidade tais conceitos ou imagens são relacionados entre si. Es te é o sentido lógico e real da classificação".

W.C. Berwick Sayers

"A classificação, entendida como processo mental de <u>a</u> grupamento de elementos portadores de características comuns e capazes de serem reconhecidos como uma entida de ou conceito, constitui uma das fases fundamentais do pensar humano".

Astério Tavares Campos

RESUMO

Estudo da possibilidade da transformação da Classificação Decimal Universal (CDU) numa futura linguagem universal de informação científica.

Análise dos pressupostos dessa reforma, em parte consubstanciada nas propostas apresentadas à Fede ração Internacional de Documentação (FID) pelos Comitês por ela designados para este fim. Foram postas em rele vo as raízes estruturais da CDU, assim como as riquezas de conteúdo que poderão ser aproveitadas na sua reformu lação.

SUMÁRIO

		I	Pág.
1	<u>APRESENTAÇÃO</u>	• • • •	1
2	<u>INTRODUÇÃO</u>	• • • •	3
3	O PENSAMENTO CIENTÍFICO COMO ESTRUTURA	• • • •	11
4	RAÍZES ESTRUTURAIS DA CDU	• • • •	15
	Classes Básicas		
-	.1 Francis Bacon		
· ·	.2 William Torrey Harris		
4:1.	.3 Melville Louis Kossuth Dewey	• • • •	25
4.2	Novos Enriquecimentos Estruturais	• • • •	30
4.2	.1 A Obra de Paul Otlet e Henri La Fontaine	• • • •	30
5	RIQUEZAS DE CONTEÚDO E DE ESTRUTURA		37
5.1	Edições	• • • •	38
5.2	Revisão e Atualização		52
	Mecanização		
6	<u>REFORMA</u>		61
	- resemble, pour bring a ref. problem		
7	CONCLUSÃO	• • • •	70
8	BIBLIOGRAFIA CITADA	• • • •	74
9	BIBLIOGRAFIA CONSULTADA		78

1 APRESENTAÇÃO

A criação de uma linguagem padrão, universal e <u>in</u> ternacional, como instrumento de recuperação da informa ção, pode ser considerada um dos objetivos básicos da <u>mo</u> derna documentação. Testemunha deste fato é o esforço, até certo ponto grandioso, desenvolvido pela UNESCO (Organização Educacional Científica e Cultural das Nações Unidas), no sentido da elaboração de um instrumento válido de intercomunicação no campo científico, cujos resultados se consubstanciaram no informe intitulado UNISIST (Sistema Mundial de Informação Científica) (1).

A presente dissertação não tem a pretensão de ana lisar todas as alternativas desse objetivo. Entre elas. (algumas serão mencionadas posteriormente) parece merecer especial relevo, também pela sua possível ressonância ambiente brasileiro, a que diz respeito à transformação da atual CDU numa das possíveis linguagens universais de informação científica. Fique desde logo esclarecido que a análise desse tema não implica na total rejeição de tras possibilidades. Não inclui igualmente a afirmativa de que a CDU, como atualmente se encontra, sem as refor mas ora preconizadas, possa ser tida como a linguagem ideal que todos procuram. As falhas e as críticas à CDU já foram suficientemente analisadas, e não é nosso propó sito direto repeti-las aqui (2,3,4). O que desejamos sali entar são as vantagens do aproveitamento de um sistema que, além da riqueza de conteúdo acumulada durante várias décadas, e também de estruturas de certo modo ricas, a seu favor a colocação dos germes das mais recentes quistas da moderna teoria da classificação, assim como fato, não desprezível, da aceitação de aproximadamente

100.000 utilizadores. Esta é, aliás, a nossa hipótese de trabalho. Acreditamos tê-la demonstrado suficientemente no decorrer da nossa dissertação.

Pelo sumário que precede poder-se-á ter uma visão de conjunto do plano deste trabalho. Partimos da idéia <u>i</u> nicial e básica da imprescindibilidade do processo class<u>i</u> ficatório na recuperação da informação e chegamos à con clusão de que uma CDU devidamente reformada, respondente, portanto, às exigências desse processo, pode satisfazer aos objetivos de uma futura linguagem universal de informação científica.

Gostaríamos de agradecer a todas as pessoas que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho; em particular, ao Prof. Astério Tavares Campos, do Departamento de Biblioteconomia da Universida de de Brasília, grande disseminador da CDU no Brasil, pe lo seu apoio, assistência e segura orientação, possibili tando, assim, a concretização deste estudo; à Prof. Noêmia Lentino, Membro Honorário da Comissão Brasileira da sificação Decimal Universal (IBICT/CDU), pela atenção e colaboração que nos dispensou; a Mr. A.F. Schmidt e Mr.L. Kofnovec, Vice-Presidentes da FID/CCC - Comissão Central de Classificação e Dra. Ingetraut Dahlberg, Editora-Che fe do "International Classification", pela valiosa mentação e contribuição que nos ofereceu, possibilitando--nos acrescentar ao texto seus valiosos ensinamentos; Regina Márcia de Castro Silva por, seu espírito de colabo ração, e a Marilene Bernardi Athayde, que gentilmente tilografou o presente estudo.

Finalmente, desejamos assinalar e agradecer a o portunidade que nos foi concedida pelo Instituto Brasilei ro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), de par

ticiparmos de um curso de nível tão elevado, permitindo--nos ampliar e atualizar nossos conhecimentos.

2 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia moderna caracteriza-se, neste momento, por um fato de fácil verificação: a rejeição ge neralizada da classificação bibliográfica como instrumento de recuperação da informação. As raízes deste fenômeno são múltiplas podendo-se apontar como fator não indiferente a idéia errônea - não suficientemente analisada e muitas ve zes aceita como dogma, ou como mito - de que a eficiência do computador na recuperação da informação está intimamen te ligada, ou talvez condicionada, à ordenação alfabética dos assuntos e não aos sistemas de classificação, o que e videntemente constitui desconhecimento tanto das potencialidades do computador, como dos sistemas de classificação.

Nesta linha de idéias há que mencionar a presença da Biblioteconomia Americana, pioneira, sem dúvida, na \underline{u} tilização do computador na área da documentação.

Segundo o testemunho de Gordon Stevenson (5:13) a Biblioteconomia Americana sofreu por volta de 1900 determinadas influências na linha de seu desenvolvimento que ainda hoje perduram, e que certamente servem de explicação ao comportamento teórico e prático dos bibliotecários e documentalistas americanos. Tal comportamento não raro exerce influência no modo de pensar e de agir de muitos bibliotecários e documentalistas de outros países.

Segundo declaração do autor, a classificação nos Estados Unidos, a partir de 1900, começou a exercer sobre tudo função de organização dos livros nas estantes. A ou

tra função de instrumento de recuperação da informação nunca obteve suficiente desenvolvimento, como era de espe rar, já que, imperceptivelmente, se fez identificação tre a classificação como tal e os sistemas adotados as respectivas falhas e limitações. A este respeito é bas tante esclarecedor o trecho que a seguir transcrevemos: "A classificação bibliográfica, como é praticada hoje en tre nos, é produto de decisões tomadas por volta de 1900. Um acontecimento chave de valor histórico quase sem prece dente foi o aparecimento do catálogo dicionário e quente desaparecimento do catálogo sistemático. A partir de então a nossa maneira de considerar a classificação mu dou substancialmente. Por volta de 1950 a maioria dos bliotecários americanos não tinha idéia do que fosse catálogo sistemático e do que o diferenciava em relação ao catálogo dicionário.

"A razão de tal fato e o impacto prolongado que se fez sentir sobre a nossa maneira de encarar a classifica ção bibliográfica e consequente abordagem temática da in formação são questões históricas que nunca foram suficien temente analisadas. Acrescentaremos a essa mudança funda mental a aceitação da Classificação Decimal de Dewey e mais tarde da Classificação da Biblioteca do Congresso (Library of Congress). Em princípio, qualquer outro siste ma foi preliminarmente rejeitado e esses dois sistemas se tornaram de tal maneira dominantes que nunca foram mente contestados. Quando Bliss publicou o volume final de sua Classificação Bibliográfica (Bibliographic Classi fication), em 1953, quase ninguém nos Estados Unidos o le vou a sério. É possível que sua Classificação Bibliográfi ca fosse muito superior à de Dewey e à LC. Mas o fato sua aplicação ter sido feita muito tardiamente constituiu

obstáculo à sua aceitação nos Estados Unidos".

A presente dissertação não se destina à análise da relação entre a eficiência do computador e a ordenação al fabética dos assuntos na linha em que determinados seto res da Biblioteconomia Brasileira, influenciados talvez pela Biblioteconomia Americana, deixam entrever (+). Par timos, ao invés, da rejeição "a limine", ou da não aceitação, de tal ligação. Mais ainda, o estudo aprofundado das modernas doutrinas na área da informação científica mos tra, com clareza meridiana, a inegável superioridade da indexação sistemática ou classificatória sobre a ordenação alfabética.

Se não houvesse outras razões bastaria lembrar que a mesma proliferação dos tesauros - que outra coisa não são, segundo Grolier (7:326), senão classificações reintroduzidas sub repticiamente - dá testemunho da incapacidade da simples ordenação alfabética, de satisfazer às exigências da documentação moderna.

Esta nossa dissertação não tem, consequentemente, por objetivo, o exame dos problemas relacionados com a recuperação da informação por meio de computadores. É apenas a análise de uma possível linguagem de indexação que poderá ser utilizada tanto por processos mecânicos como por processos manuais.

⁽⁺⁾ É sabido que a mecanização dos processos de informa ção nas bibliotecas e nos centros de documentação nos Es tados Unidos ainda não recebeu solução totalmente satisfa tória. Veja-se o que diz a esse respeito Gerald Salton (6:XI): "A study of the mechanization of library and in formation center procedures does however, reveal that the marriage of computer and information science is not an altogether happy on".

Acreditamos, em primeiro lugar, de acordo com o que de mais avançado se apresenta no campo da epistemologia moderna, que o pensamento científico é fundamentalmente estruturado. Este é o nosso ponto de partida.

Surge, portanto, como problema básico, saber se a linguagem de indexação, ou seja, o instrumento que vamos <u>u</u> tilizar no registro e recuperação da informação, deve ser uma linguagem estruturada ou não.

Os que opinam pela solução negativa, por omissão ou desconhecimento das exigências radicais do pensar humano, deverão necessariamente fundarmentar-se numa atomização do pensamento, o que, se, de algum modo constitui homenagem póstuma a Hume ou Mach, não o é tanto à verdade. Atomizar a informação é atomizar o conhecimento; é, consequentemente, desconhecer a verdadeira índole do pensar humano.

A seguir será feito um exame, sem dúvida nenhuma su mário, ou apenas conclusivo, das razões que impelem à rejeição da posição epistemológica mencionada acima, a qual, evidentemente, constitui a base teórica por muitos aceita, tal vez inconscientemente, das chamadas linguagens de indexação alfabética.

Mas se aceitamos a classificação como processo básico na recuperação da informação, será oportuno saber em que medida este mesmo processo pode ou deve ser utilizado.

A tese dos que vêem nos tesauros a resposta definitiva às exigências da documentação já hoje não é defendida com o mesmo entusiasmo de alguns anos atrás. É que, pouco a pouco, emergiram as dificuldades inerentes a um sistema de indexação que, embora atendendo parcialmente às exigências estruturais do pensamento, de fato não pode deixar de produzir certa dispersão dos blocos de informação. Não será

outro o motivo por que ultimamente foi apresentada uma so lução, até certo ponto ideal, que são os tesaurofacetas, em que as falhas da indexação alfabética dos tesauros co muns são compensados pela presença da classificação. Há ainda a observar que os tesauros possuem as limitações na turais das línguas em que são elaborados. Poderemos pen sar na possibilidade de um tesauro universal e internacional? Esta é uma questão cuja resposta, positiva ou nega tiva, não nos é possível apresentar aqui.

Se preconizamos a indexação sistemática, ou seja, a classificação, resta saber que tipo de classificação poderá melhor responder às exigências do pensamento moderno, já que é necessário estabelecer, preliminarmente, diferenças entre a classificação como exigência básica e o modo de a mesma se concretizar ou realizar, através dos possíveis sistemas de classificação.

Afirmar a necessidade de uma classificação não é o mesmo que preconizar a utilização de qualquer dos sistemas de classificação existentes.

Obviamente, em decorrência dessas premissas, al guns caminhos principais restam para a realização do objetivo indicado:

Elaboração de classificações especiais adapta das a cada tipo de biblioteca ou centro de documentação, com a finalidade de, posteriormente, se agruparem numa classificação universal. Foi nesse sentido que, por vários anos, o Grupo de Pesquisa em Classificação (Classification Research Group - CRG, grupo de estudiosos de classificação na Inglaterra, do qual fazem parte Mills, Foskett, Farradane, Vickery, Langridge, Shera e outros) trabalhou intensamente. Havia esperança mais ou menos formulada de

que, se um sistema de classificação universal viesse a ser necessário, poder-se-ia obtê-lo pela soma das classificações particulares ou especiais. Não tardou porém que se chegasse a um impasse. Visto que nenhuma classificação se faz no vazio, sempre que tentavam elaborar uma classificação especial sentiam necessidade de classificar não a penas assuntos centrais ("core subjects"), mas também os assuntos marginais ("fringe subjects") e esses assuntos marginais exigem, em última análise, a existência de uma classificação universal. Por essa razão o projeto das clas sificações especiais parece ter sido definitivamente aban donado por parte do CRG, ao menos como encaminhamento para uma classificação universal.

A criação de um sistema de classificação to talmente novo em que se apliquem as conquistas da moderna teoria da classificação. É o caminho que neste momento parece estar sendo trilhado pelo CRG e pela Dra.I.Dahlberg, que juntamente com outros especialistas de várias disciplinas (Teoria da Ciência, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Lingüística, etc...) fundaram, em 12 de feverei ro de 1977, uma Sociedade Alemã de Classificação (Gesellschaft für Klassifikation Ev.), cujo objetivo é promover o conhecimento e a teoria da classificação com a finalidade de alcançar um sistema de classificação univer sal como linguagem internacional (8:73). Na mesma linha se encontra o periódico "International Classification".

A criação de uma linguagem de indexação de <u>a</u> cordo com as relações semânticas estudadas por Farradane e S.Datta (9). Se de um ponto de vista teórico o processo em pauta apresenta aspectos de viabilidade, na prática duas grandes dificuldades surgiram: em primeiro lugar, as relações semânticas até agora não se puderam expressar com

muita clareza e inteligibilidade; a segunda dificuldade é que os esquemas até agora elaborados dos chamados fe nômenos, de acordo com a doutrina dos níveis integrativos, também deixam muito a desejar. Foskett dá o seguin te testemunho: "o problema que se constatou no sistema da Farradane é que às vezes a generalidade dos operadores dificulta saber qual o operador correto para ser es colhido. Esta é, naturalmente, uma séria desvantagem de um sistema que visa ao uso geral" (10:68).

A reforma de alguns dos sistemas já existema tes. Podemos citar como exemplo a reforma radical no sistema de Bliss, coordenado por Mills, e as tentativas de aperfeiçoamento que vêm sendo feitas na Classificação de Dois Pontos (Colon Classification) de Ranganathan pelo grupo de classificadores do "Documentation Research and Training Centre" de Bangalore, sob a direção do Dr. Neelameghan. Este Centro publica regularmente esquemas de classificação profunda ("depth schedules") baseados nos princípios da análise taxonômica de Ranganathan.

Nossa dissertação visa ao aproveitamento do potencial inegavelmente rico da CDU através de uma reforma estrutural profunda, como tem sido preconizada por vários membros da FID - Federação Internacional de Documentação. Como se vê, nosso próposito é apenas sistematizar e explicitar os esforços que, faz já vários anos, vêm sendo feitos pela FID. (+).

⁽⁺⁾ Deixamos de mencionar as chamadas classificações au tomáticas por se tratar de tentativas ainda não <u>sufici</u> entemente comprovadas e porque envolvem técnicas possívelmente restringidas ao âmbito das classificações es peciais.

Logo a seguir faz-se a apresentação da CDU como um dos candidatos possíveis a essa função de linguagem internacional de recuperação da informação correspondente às exigências do pensamento científico contemporã neo, através das reformas radicais que já foram propostas, para servir de veículo universal.

Assim é que serão analisadas as raízes estruturais da CDU derivadas de Juan Huarte e de Francis Bacon, através da Willian Thomas Harris e Melvil Dewey.

Examina-se, em seguida, o trabalho dos dois grandes pioneiros que foram Paul Otlet e Henri La Fontaine. Grandes não somente pela tentativa de elaboração de uma bibliografia mundial, de algum modo antecipando-se aos objetivos do UNISIST, mas também por terem lançado os germes de alguns dos elementos mais fecundos da atual teoria da classificação. Ainda não se fez devida justiça aos méritos destes dois pioneiros, como ain da não se fez suficiente reconhecimento de quanto Ranganathan a eles deve.

Posteriormente é salientada a riqueza de conteú do e de estrutura da CDU, acumulada através de um esfor ço longo feito pela FID, no sentido de acompanhar o de senvolvimento científico. A multiplicidade de edições nas várias línguas, assim como o processo de revisão e atualização das tabelas, constituem provas suficiente mente claras dessa riqueza que não poderá, sem mais, ser abandonada ou posta de lado como sucata. Não foi esquecida a mecanização como testemunho das possibilida

des da CDU, mesmo independentemente das reformas preconizadas (+).

Finalmente serão abordadas as propostas de reformas da CDU, até agora formuladas pela FID.

Em síntese, a presente dissertação, ao lado de al guns dados informativos sobre a CDU, tem por finalidade precípua uma tomada de consciência das reformas exigidas para a sobrevivência da herança de Paul Otlet e La Fontaine.

3 O PENSAMENTO CIENTÍFICO COMO ESTRUTURA

A doutrina segundo a qual o conhecimento científico é fundamentalmente caracterizado pela presença de uma estrutura, ou organização, mesmo sendo muito antiga, jamais perdeu a sua validade.

Quando os antigos, como Aristóteles (Seg. Anal. I, 33, 89 a), falam da ciência como conhecimento demons trativo ou conhecimento do necessário, estão subenten dendo que, à essência do processo cognitivo, em nível de ciência, pertence o elemento estrutura.

À palavra estrutura damos aqui apenas o <u>signifi</u> cado mais abrangente de relacionamento segundo determi nadas idéias ou conceitos unificadores.

Se entendemos a ciência como estrutura, quere mos significar que o conhecimento humano, no momento em

⁽⁺⁾ Não será feita uma análise das tabelas principais e auxiliares da CDU visto que este assunto é amplamente abordado por autores nacionais e internacionais (11,12, 13,14,15,16,17).

que emerge da simples percepção e assume a forma com preensiva da racionalização, organiza-se em classes (i déias ou conceitos) e estas, por sua vez, se reúnem em classes de classes, sempre segundo princípios e crité rios unificadores. Em síntese, a racionalização tem co mo elemento básico a unificação. Podemos já agora afir mar que o que caracteriza a experiência humana do conhe cer em nível científico é ser ela radicalmente provida de esquemas. Podemos dizer que o conhecimento humano é constituído de dois elementos que se interpenetram; o elemento intuitivo, diretamente fornecido pela experiên cia, e o elemento estrutural ou esquemático abstrativo, resultante de uma operação da mente.

Pensar é, assim, elaborar conceitos a fim compreender e dominar a circunstância que desafia. esses conceitos acham-se naturalmente relacionados en tre si. Que a ciência seja uma estruturação de tos, não há ninquém hoje que possa contestar. A melhor exemplificação de quanto vem sendo dito encontra-se no aparecimento dos famosos Elementos de Euclides. A nin quém cabe negar a importância decisiva desta obra o surgimento, ou aperfeiçoamento, do espírito científi co do Ocidente. Já foi dito e repetido que o valor da o bra de Euclides não consiste tanto em ter apresentado no vidades de conteúdo no campo das Matemáticas, mas ter pela primeira vez sistematizado, de maneira coeren te, os conceitos da Geometria, estruturando-os com gor, de modo a dar-lhe unidade e significação científi ca. O mesmo se pode dizer de Newton, no campo da Física.

Compreende-se, portanto, como os representantes mais categorizados da moderna teoria da ciência repitam

quase "ipsis litteris" a doutrina mencionada acima.

Assim é que, de acordo com Albert Einstein, "a ciência é fundamentalmente um esforço do espírito huma no para dispor em certa ordem os fenômenos observados em nosso mundo, de modo a obter com eles um sistema co erente, e, assim, tentar a reconstrução de nossa experiência através de conceitos". (18:395)

Se é verdade tudo o que foi dito até aqui, isto é, que os esquemas do conhecimento humano atingem o ní vel de ciência quando se articulam entre si de maneira lógica e coerente, há de se chegar à conclusão de que o processo classificatório é imprescindível ao pensamento humano. É um processo mental habitual ao homen, que ve automaticamente classificando coisas e idéias, a fim de as compreender e dominar. Consequentemente, falar da classificação dos documentos registradores do conheci mento humano como se fosse ferro-velho a ser alijado quanto antes do processo documental é uma grande nuidade ou pelo menos se radica em total desconhecimen to das estruturas essenciais do pensamento científico. De fato, porém, esse alijamento tem-se verificado prática. As novas técnicas e os novos métodos de armaze namento e recuperação da informação tendem a ignorar classificação. Entretanto, do ponto de vista teórico, os analistas mais categorizados são quase todos em afirmar a imprescindibilidade da classificação, sem negarem o valor dos serviços que os tesauros podem prestar, apontam na estrutura dos mesmos uma confirma ção da tese que defendemos.

Alguns autores como Aitchison e Gilchrist usam a expressão "tesauros classificados" ao compararem os

tesauros alfabéticos antigos com esta nova abordagem:
"Os primeiros tesauros eram inteiramente alfabéticos;
mas, durante os últimos cinco anos, as deficiências des
se arranjo tornaram-se evidentes e a abordagem sistemá
tica é agora amplamente aceita". (19:50)

A superioridade dos tesauros sobre as listagens alfabéticas tradicionais reside exatamente no fato de terem reintroduzido, às vezes clandestinamente, ou tal vez inconscientemente, o processo básico classificatório.

Ingetraut Dahlberg chega mesmo a perguntar por que ainda se chama de tesauros aquilo que na realidade não passa de classificações. (20:4)

Nada do que foi dito implica na aceitação, sem mais, de qualquer dos sistemas atualmente existentes.Ne nhum deles, ao menos ao que parece, absorveu devidamen te todo o progresso feito no campo da teoria da classificação.

Apresentar qualquer dos atuais sistemas como um modelo acabado da classificação seria o mesmo que que rer enclausurar nos moldes naturalmente estreitos da silogística aristotélica toda a riqueza da lógica con temporânea. Deste modo a mesma CDU, cuja reforma avaizamos, na situação em que se encontra atualmente, es tá longe de corresponder ao que se espera de um sistema ideal de classificação.

Em síntese, se o pensamento científico é essen cialmente estruturado, não se pode pensar numa lingua gem de recuperação da informação que não reflita as estruturas básicas do pensamento. A nosso ver a CDU, devidamente reformada, poderá realizar esse ideal.

4 RAÍZES ESTRUTURAIS DA CDU

4.1 Classes Básicas

Todo sistema de classificação bibliográfica com põe-se dos seguintes elementos: (a) classes básicas que são as divisões fundamentais do conhecimento humano, a que se aplicam determinadas subdivisões até certo ponto padronizadas, chamadas (b) facetas cujos elementos se podem entrelaçar para constituição de novos conceitos, sendo para isto necessário que o sistema tenha previsto determinados tipos de (c) relações. Com referência à CDU examinaremos aqui apenas o primeiro elemento (classes básicas). Os outros serão mencionados indiretamente. Ver 4.2.

No que concerne às classes básicas, dois proces sos são possíveis:

O processo indutivo, pelo qual as classes básicas são constituídas por fenômenos ou objetos, e o sistema se diz unívoco, já que o mesmo objeto ocupa sempre o mesmo lugar. A tendência moderna à especialização pare ce indicar que a classificação ideal deva ser baseada em fenômenos ou objetos, e não em disciplinas, como ve remos a seguir. Muitos teóricos da classificação enten dem que este seria o melhor processo para elaboração dos sistemas de classificação bibliográfica. Até agora po rém não foi possível apresentar elencos satisfatórios desses objetos ou fenômenos e muito menos das ativida des e propriedades dos mesmos. Segundo S.Datta(21:19)es se esquema poderia ser constituído tomando por base as seguintes categorias: Entidades. Atividades, Abstrações

Propriedades. No momento, porém, de elaborar tais elencos, a realidade não se mostra tão maleável quanto à primeira vista se pode imaginar. Além disto, há que lembrar a observação de Foskett: "Parece que por este caminho procura-se uma classificação do conhecimento e não de documentos. A imensa maioria dos documentos de fato se ajusta, ainda que com um pouco de desconforto, numa estrutura convencional; as disciplinas, por mal definidas que sejam, realmente existem; há um consenso educa cional e científico" (10:117).

O processo dedutivo, em que se parte do conhecimen to humano como um todo e através de sucessivas subdivisões se atingem aqueles assuntos homogêneos e distin tos em que é possível uma especialização. Há que convir que lamentavelmente não possuímos um critério claro para constituição das classes básicas. Este processo leva às classificações multívocas (assuntos em vários luga res) baseadas em disciplinas. A CDU é uma classificação baseada em disciplinas. Vamos examinar a origem e a for mação dessas classes básicas para ver até que ponto podem subsistir no futuro. As classes básicas da CDU deri vam da classificação de Dewey, e a deste, por sua vez, deriva da de Harris e em primeira instância da de Bacon.

4.1.1 Francis Bacon

De todos os precursores da ciência moderna, a figura mais significativa, sem dúvida nenhuma, do ponto de vista da magnitude de sua contribuição à organização bibliográfica, foi o filósofo inglês Francis Bacon (1561 - 1626), um dos primeiros pensadores da Idade Moderna, que classificou as ciências.

Recuando na História, observar-se-á que a clas sificação de Bacon era por sua vez baseada nas que a precederam, tais como as de Juan Huarte, Capella e Cassiodoro no início da era cristã. E, recuando mais ain da, verificar-se-á que a forma de classificação dos conhecimentos na antiga China coincide fundamentalmente, excluindo somente a parte dos clássicos, com a classificação de Bacon, que foi proposta treze séculos depois. Vemos com isso que a sabedoria dos sábios chineses esta va muito à frente das idéias dos filósofos do Ocidente.

Os sábios chineses, explicando a natureza e seus fenômenos, já no começo do primeiro milênio, cria ram a doutrina dos cinco princípios do mundo - a água, o fogo, a madeira, o metal e a terra, tomando-a como sua classificação dos conhecimentos humanos.

Surgiram daí muitas doutrinas, como a ético-política, de Confúcio, nos séculos VI-V A.C., e mais tar de, nos séculos II-I A.C., a de Dun Chezun-su e seus discípulos, que transformaram em religiosa a doutrina de Confúcio.

Já no século I D.C. o materialista Wang Chung criava seu sistema filosófico baseado na unidade do homem com a natureza. Deste modo, já na antiga China, sur giram os princípios da criação de um sistema único do conhecimento sobre o mundo e o homem.

Mais tarde, nos séculos III e V D.C., foi elaborado na China um sistema dos conhecimentos, e colocado como base da classificação das riquezas literárias chinesas. Um sistema de classificação era muito necessário e útil porque a antiga China possuía uma escrita muito desenvolvida e havia acumulado grandes tesouros literários que requeriam certa sistematização.

Foi o bibliotecário chinês, Tsin Sin, da biblioteca imperial, que separou as quatro principais clas ses do conhecimento. A primeira classe incluía os livros clássicos (canonizados) e a literatura relacionada com eles. As outras três classes representavam a Filosofia, incluindo a arte militar, a Matemática e a Teologia; a História, referente à vida estatal; e finalmente a Poesia compreendendo as obras artísticas. Essa classificação se conservou na China por muito tempo, somente sofrendo uma troca na colocação da História e da Filosofia, de modo que o esquema principal passou então a ser

História Filosofia Poesia

A coincidência dessa tríplice divisão com o es quema de Bacon é altamente significativa.

Francis Bacon, continuando as idéias do filóso fo espanhol Juan Huarte (1535-1592), deu-lhes uma forma mais completa. Huarte, em sua obra "Examen de Ingenios para las Ciencias", criou uma classificação, estabele cendo três faculdades - Memória, Razão, Imaginação - de acordo com as capacidades subjetivas do gênio humano e do intelecto em geral.

O esquema de classificação de Bacon, derivado do "Trivium" e "Quadrivium" de Cassiodoro, e baseado nas faculdades humanas da Memória, Imaginação e Razão, repousa sobre um fundamento subjetivo, e sua seleção das faculdades da alma racional é inteiramente arbitrária. Procurou ele, incessantemente, a unidade do conhe cimento: as divisões seriam como ramos de uma árvore que se encontram num só tronco.

Em seu "The two books on Proficience and Advancement of Learning", publicado em 1605, Bacon dividiu em três grupos o seu esquema de classificação geral, mantendo a base dicotômica de Aristóteles, mas dando uma nova interpretação.

Da ciência da Memória, Bacon derivou a História e suas disciplinas subordinadas; da ciência da Imaginação ou da Fantasia derivou a Poesia, incluindo a Literatura e artes criativas; e finalmente da ciência da Razão derivou a Filosofia. Nesta última incluiu todas as demais disciplinas.

Para Bacon, os sentidos são os portais do intelecto, e as impressões recebidas através das percepções sensoriais são fixadas na memória. Estas percepções são, então, processadas pelo intelecto numa das três maneiras possíveis (Memória, Imaginação, Razão). Podemos sim plesmente enumerá-las ou ensaiá-las; podemos criar representações fantasiadas da mesma ou podemos analisá-las e classificá-las.

Assim, das três fontes - Memória, Imaginação e Razão - surgem três emanações - História, Poesia e Filosofia.

As principais classes da classificação das ciên cias de Bacon, expostas no tratado "De dignitate et augmentis scientiarum", em 1623, são:

Memória

História (Ciência da Memória)

Natural (História da Natureza)

Civil (História da Sociedade)

Imaginação

Poesia (Ciência da Fantasia)

Narrativa

Dramática

Parabólica

Razão

Filosofia (Ciência da Razão)

Divina

Natural

Humana

Teologia

Presentemente, um esquema que implique o intelecto humano exercitando suas diversas faculdades isola damente, e que arbitrariamente distribua o campo do conhecimento entre seus três principais ramos, está come tendo uma violência contra o nosso conceito de unidade orgânica do conhecimento.

Na época representava um verdadeiro progresso em relação às primeiras teorias de classificação que diferiam fundamentalmente de todos os esquemas precedentes, e, no que concerne à História, foi especialmente radical.

Tanto que Denis Diderot e Jean Le Rond d'Alembert, no século XVIII, quando estavam organizando sua enciclopédia francesa, intitulada Enciclopédia das Ciências, das Artes e dos Ofícios, não puderam imaginar melhor arranjo para a mesma. Eles reproduziram a classificação das ciências de Bacon, baseando-se naqueles mesmos princípios subjetivos. A classificação das ciências de Diderot e d'Alembert apoiava-se não somente no princípio geral da classificação elaborada por Bacon, mas

também no seu esquema concreto, repetindo-o <u>frequente</u> mente.

Se em Bacon o esquema principal se expressava com a sucessão das três classes fundamentais das ciên cias, colocadas nesta ordem:

História (Memória) Poesia (Imaginação) Filosofia (Razão),

os enciclopedistas franceses mudaram um pouco essa dis posição, conservando ao mesmo tempo os três componentes do esquema de Bacon e coincidindo fundamentalmente com o esquema principal de Tsin Sin, mencionado anteriormente:

História (Memória) Filosofia (Razão) Poesia (Imaginação).

Os esquemas básicos de Bacon e dos Enciclopedis tas franceses se baseiam em um mesmo princípio e são em essência a continuação um do outro. O esquema do século XVIII (período da revolução burguesa francesa) é uma reprodução da base do esquema do século XVII (período da revolução burguesa inglesa), conforme o nível elevado do desenvolvimento dos conhecimentos e de uma nova situação histórica.

O rápido crescimento das bibliotecas e o grande aumento de material impresso mostraram aos bibliotecá rios do século XIX uma nova necessidade de melhores mé todos para o arranjo de livros.

Apesar do impacto do pensamento de Bacon sobre os filósofos dessa época, os bibliotecários continuavam

presos à idéia do arranjo de livros, considerando mais a sua parte física, e não o conhecimento em si. Enquan to as coleções de livros permaneceram de um tamanho fácil de manejar, e os livros eram relativamente bem conhecidos do bibliotecário e daqueles que os usavam com maior frequência, tal arranjo foi satisfatório.

Quase todos os primeiros sistemas de classifica ção eram puramente utilitários e sem base filosófica, na maioria das vezes de um dos dois tipos, ou ainda uma combinação de ambos: arranjo por localização fixa e a grupamento por divisão larga de assunto.

A própria Biblioteca do Congresso dos Unidos, fundada em 1800, adotava a classificação formato, de acordo com o processo então em uso, isto é: classificação em in-folios, in-quartos, in-octavos etc. Este sistema permaneceu até 1812, quando a biblioteca já tinha 3.076 volumes e 53 mapas. Neste mesmo ano, o bliotecário Patrick Macgruder implantou na biblioteca o seu projeto bastante ambicioso para a época, onde as bras foram classificadas sob dezoito cabeçalhos, os quais refletiam os sistemas escolásticos de renome, e dispostas neles, por tamanho. Infelizmente, dois anos depois, em agosto de 1814, ocorre uma das tragédias da querra, que marca a história das bibliotecas. As tropas inglesas, sob o comando do General Ross - que desconhe cia a existência da Biblioteca do Congresso - incendi. aram o Capitólio, tendo sido grande parte da biblioteca totalmente destruída.

Logo a seguir, o ex-Presidente Thomas Jefferson propôs ao governo a venda da sua biblioteca particular, aproximadamente com 7.000 volumes, para formar o novo

acervo da Biblioteca do Congresso. Thomas Jefferson, en tão bibliotecário, havia adotado para sua biblioteca ma classificação que nada mais era que a adaptação sistema de Bacon, que havia se tornado bastante conheci do entre os bibliotecários americanos, através da clas sificação da enciclopédia de d'Alembert e Diderot. Thomas Jefferson usou também a classificação baconiana, nas di versas bibliotecas fundadas por ele na Virgínia. Sua bi blioteca, catalogada e classificada por ele próprio, seu "Catalogue of the Library of the United States", pu blicado em 1815, foram baseados na divisão do mento de Bacon, uma vez que a importância estava na clas sificação dos conhecimentos e não nos livros; tabelecidos 44 grupos de classes diferentes, assim como um catálogo sistemático, e os livros arranjados alfabe ticamente dentro dos assuntos.

É interessante assinalar que a Biblioteca do Congresso continuou usando por muito tempo o mesmo sis tema de Bacon, porém, com modificações e acréscimos. So mente em 1899, havendo necessidade de uma completa reor ganização da biblioteca, quando se reclassificaram nada menos de dois milhões de livros, estabeleceu-se a clas sificação que hoje perdura. Essencialmente, a classificação da Biblioteca do Congresso, no primeiro século da sua existência, foi a de Francis Bacon. Merece menção também, como uma das pioneiras a adotar a Classificação Baconiana, a "Bodleian Library" inglesa.

Verificamos que foi bastante influente a maneira de pensar de Bacon no desenvolvimento da classificação de bibliotecas. Segundo Berwick Sayer, "quase todos os sistemas de classificação, desde o século XVII até

nossos dias, têm sido influenciados em grau maior ou me nor por Francis Bacon". (22).

Naturalmente, a história da moderna classificação em biblioteca é a história da adaptação dos siste mas filosóficos existentes ao material nelas contido e suas necessidades.

4.1.2 William Torrey Harris (1835-1909)

Filósofo e educador americano, de St. Louis, foi continuador da classificação de Bacon, que inverteu e ampliou, adaptando-a ao catálogo de sua biblioteca, a St. Louis Public School Library, em 1870. Este esquema era conhecido como Baconiano inverso, e as principais classes de Harris foram:

Ciência

Filosofia

Religião

Ciências Sociais e Políticas

Ciências Naturais e Aplicadas

Arte

Belas Artes

Poesia

Ficção

Miscelânea Literária

História

Geografia e Viagens

História Civil

Biografia

Miscelânea

4.1.3 - Melville Louis Kossuth Dewey

Não teve início com Melvil Dewey (1851-1931) a classificação bibliográfica decimal. O primeiro bibliotecário a empregar a classificação decimal foi La Croix du Maine, que a usou na Biblioteca Real da França, durante o Reinado de Henrique III, em 1583. Ele classificou 10.000 volumes, arrumando-os da seguinte forma: 100 livros em cada uma de 100 estantes. Na primeira estante, do número 1 a 17 - Relegião; na segunda, do número 18 a 41 - Artes e Ciências; na terceira, de 42 a 62-Descrição do Universo; na quarta, de 63 a 72 - Raça Humana e assim por diante. Essa classificação decimal limitou-se apenas às estantes dos livros.

Contudo, a existência do sistema decimal é anterior a La Croix du Maine; coube-lhe somente a priorida de na aplicação, uma vez que, na época, o sistema decimal já era bastante conhecido. Em 1790 a Biblioteca de Glasgow adota esse mesmo método de La Croix du Maine.

Também muito antes de Dewey o matemático húnga ro Tarkas von Bolyai, em 1833, assim como o ilustre físico francês Ampère, em 1834, utilizavam o princípio de cimal para classificação lógica das ciências. Ampère ha via tido a idéia de utilizar uma notação decimal, na qual tomava cada número como símbolo classificador na sua classificação das ciências, considerada geralmente como uma das mais notáveis e que, durante certo tempo, a Biblioteca Nacional de Paris pensou em adaptar, para substituir o velho sistema que vinha utilizando há dois séculos.

Mais tarde, em 1856, Nathaniel B. Schurtleff publicou um trabalho em Boston sobre classificação decimal: "A Decimal System for the Arrangement and Administration of Libraries", em que seriam utilizadas pequenas salas com dez compartimentos, tendo cada compartimento dez estantes, e os compartimentos e as estantes os números de la 10. A notação não era do tipo expansiva, mas essencialmente relacionada com as estantes.

A classificação do conhecimento humano proposta por Aristóteles, Bacon, Locke e outros filósofos, assim como as mais recentes, de Schwartz e Harris, foram estu dadas por Dewey, que também conheceu os três esquemas e xistentes de arranjo decimal para livros: o de Maine, de 1583, o de Glasgow, de 1790 e o de Schurtleff, de 1856, que evidentemente não o impressionaram. Estes esquemas estavam mais relacionados com a numeração de pratelei ras do que de livros, tanto que, num artigo publicado no "Library Journal" de fevereiro de 1920, ele diz: visitar umas cinquenta bibliotecas fiquei admirado com a ineficiência, perda de tempo e dinheiro em frequentes recatalogações e reclassificações que se faziam neces sárias usando o sistema de localização fixa, onde o vro era numerado de acordo com a sala, estante e prate leira, em vez de pela classe à qual pertence ontem, ho je e no futuro. Além disto, há a extravagante duplicida de de trabalho ao examinar um livro para ser catalogado e classificado em cada uma das mil bibliotecas, em vez de fazer isto uma única vez, para todas, num ponto cen tral".

Dewey queria encontrar a absoluta simplicidade, usando os símbolos mais simples que se conhecem, os al

garismos arábicos como decimais, para numerar a classificação de todo o conhecimento humano impresso. Queria, ele mesmo, um arranjo de livros por assunto, uma vez que todas as bibliotecas os mantinham nas estantes por ordem alfabética, formato, cor ou ordem de aquisição. Iniciou o seu esquema como notação e não como classificação de conhecimentos. Baseou-se em Bacon e Harris, que na ocasião era bibliotecário na Escola de Saint-Louis e que havia lançado um esquema de classificação baseado em Bacon, mas invertendo o seu raciocínio. Dewey admitiu conhecer o esquema de Harris, e somente introduziu a no tação numérica.

Em 1875 Dewey apresenta, como trabalho para ob tenção do grau de mestre, sua Classificação Decimal, sen do publicada, em 1876, uma versão ampliada do plano original, com o título "A Classification and Subject Index for Cataloguing and Arranging the Books and Pamphlets of a Library". Esta primeira edição foi publicada anonimamente. Nesse mesmo ano, em 1876, foi criada na Filadélfia a ALA "American Library Association", surgiu o primeiro número do "Library Journal" e nasceu a Classificação Decimal de Dewey-CDD.

Inicialmente Dewey idealizou para sua classificação apenas três classes. Depois aumentou-as para sete e finalmente adotou o sistema decimal com dez classes de assuntos principais. Seu sistema consistia de uma no tação simples, expansiva e clara, um índice alfabético detalhado. A adoção de um índice de classificação sistemática para cada assunto, foi muito útil para as biblio tecas que adotaram o livre acesso às estantes.

Ao examinarmos, no quadro I, as principais clas

ses da classificação de Dewey, notaremos que são as mes mas de W.T. Harris, aperfeiçoadas e ampliadas. Sen do Harris continuador da Classificação de Bacon, e este último continuador das idéias de Juan Huarte, podemos di zer que a obra de Bacon é realmente a base da classificação de Melvil Dewey.

Assim, verificamos que o sistema de Bacon ide<u>a</u> lizado em 1605, modificado por Harris em 1870, adotado com inversão por Dewey em 1876, serviu de base para o grande sistema de Classificação Decimal Universal.

A análise histórica acima apresentada teve por finalidade mostrar a permanência daquilo que estruturas do pensar humano. Não se trata de "ipsis litteris" as estruturas herdadas de Bacon. A ção da história não se coloca exatamente nessa linha Pro curou-se apenas mostrar que a CDU herdou do passado go de fundamentalmente válido que é a distribuição es trutural das várias áreas do pensamento humano. Esta a herança fundamental que não pode ser desconhecida nome da sofisticação da tecnologia moderna, que, sendo filha do pensamento humano, não possui o condão de modi fica-lo substancialmente. Deste modo, a futura gem universal de informação científica, que todos dese jam, não poderá desconhecer as raizes estruturais do pensamento. Daí a razão de ser da presente análise bre as bases históricas das estruturas da CDU.

QUADRO I CLASSES BÄSICAS

SECULO III-V D.C.	SECULO XVI	SECULO XVII	SECULO XVIII	SECULO	XIX	SECULO XX
TSIN-SIU	JUAN HUARTE (FRANCIS BACON (1605)	DIDEROT E d'ALEMBERT (1751)	WILLIAM THOMAS HARRIS (1870)	MELVIL DEWEY (1876)	OTLET E LA FONTAINE (1905)
LIVROS CLÄSSICOS E LITERATURA	MEMÕRIA	MEMÕRIA	MEMÕRIA	RAZÃO	RAZĂO	
HISTÕRIA Vida Estatal		História Natural	História	Ciência Fi losofia	Obras Gerais Filosofia	Generalidades Filosofia
d films of a	pet a terred in the period compared in our	Civil	thin and a second secon	Religião Ciências Sociais e Políticas Ciências Naturais e Aplicadas	Religião Sociologia Filologia Ciências Puras Ciências Aplicadas	Religião. Teologia Ciências Sociais Ciências Puras Ciências Aplicadas.Me dicina. Tecnologia.
FILOSOFIA	RAZÃO	IMAGINAÇÃO	RAZÃO	IMAGINAÇÃO	IMAGINAÇÃO	
Arte Militar		Poesia	Filosofia	Arte	Belas Artes	Belas Artes.Diverti
Matematica Teologia	lan.	Narrativa Dramática		Belas Artes Poesia	Literatura	Filologia.Literatura
rental		Parabōlica		Ficção Miscelânea Liter <u>á</u> ria	Lolo	
POESIA	IMAGINAÇÃO	RAZÃO	IMAGINAÇÃO	MEMÕRIA	MEMÕRIA	
Obras Artīsticas		Filosofia Divina Natural Humana Teologia	Poesia	Histōria Geografia e Vi <u>a</u> gens Histōria Civil Biografia Miscelânea	Histōria Biografia Geografia Viagens	Geografia.Biografia. Historia
						1.7

4.2 - Novos Enriquecimentos Estruturais

Embora baseada nas estruturas lógicas da classi ficação de Dewey, a CDU apresenta elementos novos podem ser considerados dos mais importantes na moderna teoria da classificação. O conceito de facetas como lenco de conceitos homogêneos, a serem diversamente organizados para constituição de assuntos novos, já encontra embrionariamente nos trabalhos dos da CDU, pela constituição das chamadas tabelas ares. Além disto, com o correr dos tempos, muitas las da CDU foram elaboradas segundo as exigências da fa cetação. Basta considerar a classe 8 - Filologia. ratura, que é exemplo de tabela facetada. Mas há que no tar sobretudo que a CDU rompeu definitivamente com a ri gidez da lógica aristotélica - de inclusão - tão terística das estrutras de Dewey. A introdução "dois pontos" serviu de ponto de partida para atenuação da mencionada lógica, ficando a CDU aberta às descobertas da lógica contemporânea, podendo por ser considerada hoje uma antecipação das classificações analítico -sintéticas ou facetadas.

Vejamos, porém, do ponto de vista histórico, como se processou a passagem da classificação de Dewey para a CDU.

4.2.1 - A obra de Paul Otlet e Henri La Fontaine

A CDU é, sem dúvida alguma, o mais importante dos sistemas de classificação bibliográfica que se desenvol

veram por volta do início do presente século.

Originou-se do trabalho de dois eminentes bibliógrafos belgas, Paul Otlet (1868-1944), Prêmio Nobel da Paz em 1913, e Henri La Fontaine (1853-1943), que, em 1892, compilavam a bibliografia internacional sobre ciências sociais. Nesse mesmo ano fundaram o Escritório Internacional de Bibliografia em Bruxelas.

Três anos depois, em 1895, organizaram a la.Con ferência Internacional de Bibliografia, em Bruxelas, de que resultou a criação do Instituto Internacional de Bi bliografia (IIB), cujo objetivo principal era atuar mo entidade responsável pela bibliografia que sendo compilada. Esse Instituto tinha seus escritórios centrais em Bruxelas e foi encarregado da tarefa de com pilar o Repertório Bibliográfico Universal, ou seja, ma bibliografia que abrangesse todas as publicações todos os campos do conhecimento humano, em todas as lín quas e em todos os países, desde as épocas mais remotas até os nossos dias. Uma obra de tal porte requeria, ra sua realização, a existência de um esquema de classi ficação que englobasse todos os ramos do conhecimento humano, isto é, que fosse abrangente e universal, e, se possível, de uso internacional.

Foi nesse mesmo ano, 1895, que Otlet ouviu fa lar pela primeira vez na Classificação Decimal de Dewey, embora a la. edição houvesse aparecido em 1876, com 44 páginas, sendo 10 páginas de introdução, 12 para as ta belas e 18 para o índice, apresentando 10 classes, 100 divisões e 1000 seções (23).

Imediatamente, Otlet e La Fontaine começaram a estudar a 5a. edição da CDD, a qual não tinha mais do que al

guns milhares de subdivisões, e que Dewey acabara de publicar em 1894. Tal entusiasmo sentiu Otlet por esse sistema, que ele e La Fontaine decidiram usá-lo no repertório.

Ambos sentiram a necessidade da classificação, uma vez que o arranjo alfabético estava fora de cogitação, e assim voltaram suas atenções para o arranjo sistemático.

Começaram a adaptar o esquema de Dewey a seus desejos e propósitos. O sistema de Dewey, embora decimal e muito expansivo não tinha a flexibilidade neces sária para que assuntos compostos fossem classificados.

Resolveram, então, obter de Dewey autorização para o acréscimo de sinais e símbolos, a fim de conse guirem as notações minuciosas que se faziam necessárias, e os direitos autorais para traduzirem e elaborarem a classificação decimal em todas as línguas.

Numa carta para Dewey, datada de 8 de junho de 1895, Otlet manifestou seu desejo de traduzir o sistema de classificação para o francês, alemão e italiano, e informou que o IIB lhe permitia adotá-lo em seu repertório bibliográfico. Assim ele se expressou (24:2):

"Your valuable work upon "Decimal Classification" has been found the most pratical as well as the most universal, and our purpose would be to make use of it as a basis of the Universal Bibliographic Repertory".

Com sua generosidade característica, Dewey respondeu à carta de Otlet em 29 de junho, revelando gran

de alegria em saber que Otlet estava interessado na CDD e dizendo textualmente:

"I shall gladly give to the association permission to translate the classification as you request into German, French, Italian and any other languages where it may seem desirable, leaving the terms entirely to the officers of the association".

Quanto ao uso do sistema decimal como base para o Repertório Bibliográfico Internacional Dewey exigiu somente uma condição:

"My interest in classification you know, of course without assurance, is not commercial, but that it may do the largest possible good. I found however that it was absolutely necessary to retain the control and ownership of the copyright to prevent garbled editions which would be very mischievous".

Ainda em resposta às sugestões de Otlet, que mais expansões eram necessárias, continuou com a mesma generosidade natural:

"We shall be very glad to have the suggestions from you as to what would best meet European needs, and we shall willingly undertake the task of enlarging these departmente (law and sociology) to any desired extent".

Sempre olhando o futuro, Dewey fechou a carta para Otlet com a afirmação de sua crença na necessidade de uma cooperação internacional:

"I hope that the effort to secure international cooperation in bibliographic work will prove a complete success".

Após a troca de correspondência com Dewey, eles verificaram que o trabalho não era tão simples como pen savam. Tinham não somente que traduzir todos os conceitos para o francês, mas também que modificar o sistema de acordo com seus próprios interesses.

As modificações introduzidas por Otlet na notação do que ia se converter em CDU, em relação com os símbolos originais de Dewey, e que o próprio Otlet já havia exposto em 1896 em artigo (25), constituem uma in novação considerável, na técnica taxonômica, de tudo o que se devia a Dewey. O princípio de classificação "ponto de vista" e o estabelecimento de "relações entre os assuntos simples para formar assuntos compostos e complexos", que freqüentemente e erroneamente se atribui a Ranganathan e à sua classificação facetada, já tinham sido escritos por Otlet.

Otlet e La Fontaine elaboraram um índice de fichas da literatura abrangida, e a multiplicação dessas fichas tornaria o índice tão detalhado que o leitor en contraria um número satisfatório de fichas sobre o as sunto de seu interesse.

Já o sistema de Dewey foi feito para permitir que os leitores encontrassem todos os livros juntos so bre um assunto específico, como diz o próprio título da publicação.

Em 1897, a nova versão dessa classificação decimal apareceu em francês, publicada em partes separadas,

no "Bulletin of the Institut International of Bibliographie". Somente em 1905 se fez a edição comple ta, incluindo todas as classes expandidas. Foi reimpres sa em 1907, com o título "Manuel du Répertoire Bibliographique e Universel", compreendendo 33.000 subdivisões e um índice alfabético de 38.000 entradas, ficando conhecida como a classificação de Bruxelas, porque, na época, o Instituto Internacional de Bibliografia estava instalado naquela cidade. Foi-lhe dado o referido título porque fornecia as tabelas fundamentais da classificação do grande repertório sistemático universal.

Vimos, pois, que as bases desse novo sistema, de senvolvidas por um grupo de especialistas chefiados por Paul Otlet, foram calcadas na Classificação Decimal de Dewey, que tinha sido consideravelmente revista e ampliada.

Ao criarem a CDU, a partir da CDD, Otlet e La Fontaine tinham a esperança de conseguir a normalização da classificação documentária no plano universal, o que alguns de seus conhecidos chamavam de sonho ou utopia em forma mundial.

Sob a mesma inspiração, Paul Otlet deu a seu úl timo livro o título "Monde: essai d'universalisme" e apresentara em 1928, junto com o arquiteto e urbanista Le Corbusier, o projeto do "Mundaneum", uma espécie de museu, biblioteca e centro mundial de documentação. Não há dúvida que as idéias otletianas merecem as palavras de W.Boyd Rayward (26:3): "At least 50 years ahead of his time". Sem dúvida nenhuma, foi Otlet um verdadeiro pi oneiro da ciência da informação em geral, e da teoria da classificação em particular.

Antes da la. Guerra Mundial, houve uma forte <u>u</u> nião entre os sistemas CDU e CDD, através dos próprios criadores dos sistemas Dewey, Otlet e La Fontaine.

No discorrer histórico da CDU não podemos xar de mencionar a influência de Fritz Donker (1894-1961). Como Dewey, Donker Duyvis era de opinião que a raiz de todo mal é a falta do conhecimento. viu três grandes possibilidades de aumentar o mento do indivíduo - eficiência, padronização e informa ção - e viu também que a classificação era o instrumen to necessário de ligação dessas três possibilidades. No período de sua atuação, a CDU foi grandemente expandida e sofreu com isso grandes reformas, tanto que este riodo ficou conhecido como "Donker Duyvis Period". A CDU que hoje em dia conhecemos se deve aos esforços in cansáveis desse holandês, que não era um teórico da classificação.

Da análise histórica acima apresentada emerge o fato já mencionado e muito significativo de que a CDU teve como origem a sensibilidade de Paul Otlet e La Fontaine, em relação às exigências da documentação bi bliográfica, que então se iniciava em forma grandiosa. Alguns dos enriquecimentos por eles introduzidos, como o alargamento das relações de classe, a criação das ta belas auxiliares etc., constituem germes fecundo dos quais se originou a moderna teoria da classificação. É a partir do que permanece válido nessa herança que se poderá pensar na futura linguagem universal de informa ção científica, tendo por base a atual CDU.

5 RIQUEZAS DE CONTEÚDO DE ESTRUTURA

A CDU constitui hoje, inegavelmente, vasto re pertório de conceitos classificatórios. Durante décadas foram-se acumulando divisões e subdivisões de maneira nem sempre ordenada. Há mesmo quem diga que, ao invés de uma classificação, a CDU dever-se-ia chamar enciclo pédia de classificações.

De qualquer maneira há um fato inegável: nela se encontra uma riqueza imensa de conteúdo e também de estruturas. Essa riqueza não deverá ser abandonada ou postergada, sem mais. Esta afirmação constitui, por as sim dizer, um dos postulados da nossa dissertação: A CDU poderia ser aproveitada, mediante as devidas reformas, para ser uma das possíveis linguagens internaciona is de informação.

A CDU herdou várias falhas da classificação de Dewey, inclusive a estrutura predominantemente enumera tiva. Apesar disto, é possível falar de riquezas estruturais da CDU. De fato, a grande sensibilidade de Paul Otlet e La Fontaine deu lugar a que, já desde o início, fossem introduzidos elementos novos estruturais, capazes de fazer com que a CDU preanunciasse os atuais sistemas facetados. É a isto que podemos chamar de germes estruturais da facetação introduzidos por aqueles dois pioneiros. O crescimento posterior do sistema infeliz mente não acompanhou devidamente o desenvolvimento das modernas teorias da classificação.

Todos sabem que as tabelas desenvolvidas da CDU contêm aproximadamente 250.000 entradas. Não é porém sob este aspecto meramente quantitativo que queremos sa

lientar o que aqui chamamos de riqueza de conteúdo da CDU. Prevalece o aspecto qualitativo, bastando assina lar três fatos: as edições, o processo de atualização e revisão, e a mecanização.

5.1 - Edições

Uma grande idéia que partiu de Fritz Donker Duyvis foi a publicação da CDU em diferentes níveis. Existem atualmente cinco diferentes tipos de edições de tabelas da CDU, conforme o grau de amplitude da classificação, adaptadas às necessidades da biblioteca ou centro usuário do sistema.

Conforme a extensão, ou seja, o número de subdivisões, existem os seguintes tipos de edições: desenvolvidas, abreviadas, médias, especiais e condensadas. Des tes cinco tipos de edições, as mais conhecidas são as desenvolvidas, abreviadas e especiais, por terem surgido há muitos anos, juntamente como aparecimento e de senvolvimento universal da CDU. Já as edições médias e condensadas vieram somente à luz em 1967, e seu aparecimento trouxe dúvidas aos usuários da CDU que adotam o sistema exaustivamente.

As edições desenvolvidas detalham os conhecimentos de cada assunto com a maior especificidade que ele requer, num contínuo processo de perfeição e ampliação, numa contínua tentativa de acompanhamento das ciências e das técnicas. Toda modificação ou ampliação se faz com vista ao aprimoramento das tabelas desenvolvidas; como consequência, as outras tabelas sofrem essas modi

ficações para que não seja cortada a unidade estrutural do sistema.

A la. edição internacional da CDU (desenvolvida) foi publicada em francês, em 1905, pelo Instituto Internacional de Bibliografia, com o título de "Manuel du Repertoire Bibliographique Universel", contendo 33.000 subdivisões. Desta edição houve uma segunda tiragem em 1907. Foi obra de Paul Otlet e Henri de La Fontaine.

A 2a. edição internacional, também em francês, trazendo pela primeira vez o título de Classificação De cimal Universal, apareceu nos anos de 1927-1933, publicada pelo Instituto Internacional de Bibliografia, com cerca de 70.000 subdivisões. Essa edição foi a base oficial das edições posteriores. Três volumes compreendiam as tabelas principais, e o quarto as tabelas auxiliares e o índice alfabético, publicado em 1933.

A 3a. edição internacional, primeira edição em alemão, foi iniciada em 1933 e completada somente em 1952, tendo sido interrompida por volta de 10 anos, de vido à 2a. Guerra Mundial. Foi publicada pelo "Deutscher Normanausschuss", com o título "Dezimal Klassifikation", e foram responsáveis por essa edição os dois documenta listas Dr. Karl Fill e Martin Schuchmann, constando de 7 volumes de tabelas e um índice alfabético de 3 volumes, num total de 10 volumes.

A 4a. edição internacional é em inglês. Seus trabalhos foram iniciados em 1940, depois da 2a. Guerra Mum dial, sob os auspícios da "British Standards Institution" (BS 1000), representante nacional das edições in glesas da CDU e responsável pelo seu desenvolvimento.

Nessa época, o Dr. S.C. Bradford, Bibliotecário do Museu da Ciência, na Inglaterra, estava desenvolven do a versão inglesa da CDU para atingir seu propósito, que era a criação de um índice restrito universal na á rea da ciência e tecnologia. Entretanto, seu indice su cumbiu, devido a um excesso de entradas. Foi obra de Bradford a primeira edição em inglês da CDU, que cou as tabelas resumidas usadas na Biblioteca do da Ciência, sob o título "Classification for Works Pure and Applied Science Museum Library" (10:235). Este trabalho, feito nessa biblioteca, foi o alicerce para o desenvolvimento da 4a. edição internacional desenvolvi da em língua inglesa. As primeiras tabelas publicadas em 1943 pela "British Standards Institution" foram as tabe las auxiliares, 5/53, 54, 55/59, 621.3, 622/623, 678/679 e 69. Desta edição quase todas as seções já fo ram impressas, mas determinadas classes estão sendo subs tituídas por uma nova edição (2a. edição em inglês) com o número FID 483.

A 5a. edição internacional (3a. edição em francês) foi publicada de 1940 até 1952 pelos Editores Mundaneum, em Bruxelas, que encontraram muita dificuldade em preparar as primeiras classes, que foram 61 (1940), 60, 62 (1941), 65 (1942), 0,2 (1951), 3 (1952).

Foram elaboradas outras edições, como a 6a. edição internacional, em japonês, que apareceu em 1950, e a 7a. edição internacional, em espanhol, publicada em 1955 pelo "Instituto Nacional de Racionalizacion del Trabajo" com as classes 0, 1, 2, 3, 57/59, 61/624, 63 e 7.

A 8a. edição internacional (2a. edição em ale

mão) surgiu a partir de 1958, publicada pelo "Deutscher Normenauschuss", com a classe 5 e parte da classe 6. Es ta 8a. edição foi substituído as partes esgotadas da la. edição em alemão.

A essa altura, Brasil e Portugal compreenderam desde logo a necessidade de traduzir para o as tabelas desenvolvidas da CDU, daí que, em 1954, atra vés do Centro de Documentação Científica do de Alta Cultura, membro nacional da FID, iniciou os tra balhos de tradução. Só em 1958 foi criada, no Brasil, a Comissão Brasileira de Classificação Decimal Universal, dentro do Instituto Brasileiro de Bibliografia e mentação - IBBD, filiado à FID em 1955. Assim, as duas instituições, membros da FID, trabalharam conjuntamente na preparação da 9a. edição internacional da CDU em por tuquês, e a partir de 1961 foram impressas as sequintes classes: 0 (Portugal, 1961), 1 e 2 (1963), 55 (1967, 1977), 8 (1975), 32, 37 (1976), 3/308, 39 (1977). Estão sob a responsabilidade de Portugal as classes 5 e 6,com exceção das subclasses 55 e 61, e todas as demais clas ses cabem ao Brasil.

Foram impressas outras edições desenvolvidas in ternacionais: 10a. edição em polonês, lla. edição em russo, e atualmente há edições desenvolvidas em húnga ro, checo, italiano e servo-croata, etc... perfazendo um total de ll línguas em que aparecem edições desenvolvidas.

Dadas as necessidades dos usuários do sistema, a tendência atual é a publicação das tabelas da CDU em classes avulsas.

As edições abreviadas de grande difusão, que têm prestado inestimável serviços às pequenas bibliote cas há alguns anos, compreendem 10% das subdivisões ou conceitos, das tabelas desenvolvidas. Dão uma idéia ge ral do desenvolvimento do esquema nos diversos campos do conhecimento, e são utilizadas com bástante freqüência para classificar diretamente alguns temas simples, sem se recorrer às tabelas desenvolvidas do assunto es pecífico. Foi Donker Duyvis quem publicou em 1927 a primeira edição abreviada.

A la. edição abreviada inglesa foi publicada em 1948, baseada nas tabelas do "Science Museum", com 2.000 entradas no índice, enquanto que a 2a. edição, publica da em 1957, era bem mais detalhada e mais atualizada, contendo um índice com 20.000 entradas. A 3a. edição, abreviada, a última, foi publicada em 1961. Na época, em favor da publicação da edição desenvolvida inglesa, os planos para revisão da próxima edição abreviada in glesa foram adiados.

Atualmente, existem edições abreviadas publica das em muitos idiomas: português (1961), espanhol (1963) francês (1958), inglês (1961), alemão (1956), italiano (1964), hebraico, russo, romeno, servo-croata, sueco, norueguês, polonês, húngaro, finlandês, japonês, árabe, checo, holandês e iugoslavo.

Existe, também, uma edição abreviada trilingüe publicada em 1958, em alemão, inglês e francês, conside rada como texto básico na preparação das diversas tabe las abreviadas. Nesta edição os conceitos aparecem nas tabelas nas três línguas, e há um índice separado para cada língua.

Os índices das edições abreviadas em geral são bastante satisfatórios, assim como a terminologia, ha vendo inclusão de sinônimos e de remissivas. Encontra mos em algumas tabelas cerca de 20.000 entradas no índice para aproximadamente 12.000 notações nas tabelas. No entanto, alguns índices dão um número de classificação mais detalhado do que o encontrado na tabela.

A partir de 1954 é que se sentiu a necessidade da existência das edições médias, para facilitar o trabalho dos classificadores, que, ao classificarem uma de terminada especialidade, careciam dos assuntos limites ou afins ao seu.

Começou-se, então, a pensar em tabelas que não fossem tão genéricas como a edição abreviada, nem tão específicas como a edição desenvolvida, ou seja, mais amplas do que as abreviadas, existentes desde 1934, e menos minuciosas do que as tabelas desenvolvidas.

Em 1962 foi iniciada a preparação da primeira e dição média alemã da CDU para que servisse de meio-ter mo entre a desenvolvida e a abreviada, e que mais tarde serviu de texto-padrão para as demais edições médias. Assumiram a tarefa de prepará-la dois eminentes documen talistas alemães: Dr. Karl Fill e Martin Schuchmann.

Foi criado pela Comissão Central da FID um grupo de trabalho cujo programa inicial consistia em obter um manuscrito que contivesse 25% a 30%, aproximadamente, da edição desenvolvida. Pensou-se primeiramente nu ma diminuição do conteúdo das tabelas, a fim de corrigir o desequilíbrio verificado entre os assuntos tecnicos e as demais partes da tabela. Com a continuação dos trabalhos, a Comissão convenceu-se de que não era possí

vel efetuar uma redução sistemática das tabelas, já que o desequilibrio existente, do predomínio dos assuntos técnicos, deriva de uma realidade inegável, resultante da colaboração dos especialistas ao adaptarem a tabela ao seu campo de especialização de acordo com os progressos da ciência e da técnica. Deste modo, nas tabelas médias, permanece o predomínio de 60% dos assuntos técnicos, enquanto que as demais classes ocupam apenas 40%.

Atualmente existem muitas edições médias publicadas em língua alemã (1967/68), francesa (1967/73), ja ponesa (1974), russa (1969), portuguesa (lançada em 1976, no ano do centenário da primeira edição da Classificação Decimal de Dewey), sendo as edições em alemão e português as primeiras a terem os índices processados por computador. Algumas classes avulsas da edição média em italiano, polonês, servo-croata e eslovênica já foram impressas. A "British Standards Institution" está preparando a Edição Média Básica (BME) por computador, e por ser o inglês uma língua acessível, essa edição servirá de base para as demais edições médias a serem elaboradas.

As edições especiais são tabelas elaboradas com a finalidade de facilitar a classificação de um assunto específico do conhecimento, ou de dois ou mais assuntos estritamente relacionados entre si. Portanto, se são de senvolvidas, reproduzem a totalidade das tabelas do as sunto em questão e selecionam os conceitos da abreviada que têm relação com o mesmo. Se são abreviadas, se limitam a reproduzir uma seleção de conceitos que têm relação com um tema específico.

Estas edições são de notável valor pelo fato de oferecerem ao usuário uma certa assistência que não é

encontrada nas tabelas comuns, sob a forma de notas ex plicativas e remissivas.

Então, podemos ver que um estágio muito novo no desenvolvimento da CDU nasceu com as edições especiais, que se destinam ao uso de especialistas em determinados assuntos. Trata-se de edições promovidas por organizações particulares que são adaptadas às necessidades con cretas e têm uma margem de subjetividade na seleção das subdivisões. Essas edições são de grande utilidade na classificação dos próprios centros a que são destinados, como a do "Iron and Steel Institute", que sob a forma de notas explicativas, remissivas e instruções, oferece ao usuário uma certa assistência que não é en contrada nas tabelas comuns.

Existem, entre outras, as seguintes edições es peciais: em francês (Agricultura, 1966; Farmácia, 1968; Educação, 1967); em alemão (Eletrônica, 1966; Cartografia, 1967); em inglês (Ciência Nuclear e Tecnologia, 1964; Metalurgia, 1964; Educação, 1965).

Houve também a necessidade de uma tabela mais restrita, que a abreviada, cujo único propósito era dar uma visão de conjunto de todo o esquema classificatório.

Publicou-se, assim, em 1967, a chamada <u>tabela</u> <u>condensada</u>, que tem aproximadamente 2,5% da edição <u>de</u> senvolvida. Temos como exemplo a edição abreviada francesa, com 200 páginas, enquanto que a edição condensada na mesma língua tem 50 páginas.

Mostramos a seguir no quadro II, uma comparação entre as edições desenvolvidas, média e abreviada da CDU, classe 378.1, e no quadro III, as diversas classes

e subclasses da CDU impressas, com o ano da publicação, a língua, o número da FID e o tipo de edição.

All the late the stage of the contract of the property of the American Stages

COMPARAÇÃO ENTRE AS EDIÇÕES DESENVOLVIDA, MÉDIA E ABREVIADA DA CDU

FID.CDU. Classe 37-Educação, Ensino, Lazer. Edição Desenvolvida em lingua portuguesa. Rio de Janeiro, IBICT, 1976.85p. (FID 342)

- 378.1 Problemas de Organização e Direção do Ensino Superior .048.2 Seções de Orientação
 - .11 Órgãos e Direção de Universidade ou Escolas Superiores
 - .111 Comunidade Universitária. Corpo Docente, Discente e Funcional
 - .112 Órgãos de Direção. Conselho. Congregação
 - .1 Conselho Diretor. Conselho de Curadores
 - .2 Congregação Universitária
 - .113 Direção. Funcionários Administrativos
 - .1 Reitor. Vice-Reitor
 - .11 Tesouraria. Tesoureiro
 - .2 Diretor. Decano. Vice-Decano
 - .114 Tribunais Judiciários Academicos ou Universitários
 - .115 Disciplina e Administração Interna Subdividir como 371.5
 - .15 Direitos e Deveres dos Estudantes
 - .435 Perda de Privilégios. p.ex: exclusão de exames

FID.CDU. Edição Média em lingua portuguesa. Rio de Janeiro, IBICT, 1976. 3v. (FID 541)

- 378.1 Organização e Administração do Ensino Superior
 - .11 Direção e Orgãos Universitários
 - .112 Conselho Diretor. Congregação Universitária. Conselho de Ouradores
 - .113 Pessoal que exerce a direção dos órgãos universitário
 - .113.1 Reitor. Vice-Reitor-Chanceler
 - .113.2 Coordenadores de Departamento. Decanos. Diretores de Faculdades
 - .114 Tribunais Judiciarios Universitários
 - .115 Disciplina Universitária. Regulamento Interno da Universidade Subdividir como 371.5

FID.CDU. Edição Abreviada Portuguesa. Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1961. 214p. (FID 275)

- 378.1 Organização Geral: Corpo Docente, estudantes etc.
 - .11 Administração. Órgão Diretivo. Senado. Conselho Universitário

QUADRO III CLASSES E SUBCLASSES DA CDU

Lingua	Alema	Eslovena	Uspanhola	Francêsa	Hungara	Inglesa	Japonesa	Italiana	Polones	Poptuguase	-	S.Croata	-
	D 196 297	D	1) 243	D	D 390	D 483	D 253	D 479 M 503	D 327	D 342 M 541	D 447	D 423	D 419
	M 396 A 487	M 491 A 406	M 482	M 413	M A 389	H A 289	M 516 A 436	M 503 A 355	A 365	A 275	M 448	H 473	A 504
						D 1974		H 1974			D 1969	н 1973	D 1971
Auxiliares 0	D1974		D 1955		D 1968	D 1974	D 1972	M 1974	D 1962 1969	T	D 1969	IN 1773	
0/2									1702			M 1973	
1			D 1964		D 1971	D 1969	1	D 1974	D 1970	D 1963			
			1			D 1969							
159.9		1	1270		1072				1 .070				
3	D 1971	H 1973	D 1959 D 1959 1967	-	D 1972	D 1973	1		D 1970	D 1963	D 1969		1
	D 1>1-	1	1967			1260	(4)			1	D 1,0		
3/308	1.	1				D 1969		+		D 1977			
30/32				1	D 1971		1	1					
30/33	-								D 1970		-	-	
31	+	+		1		D 1970			1			1 -	
32	-			1		D 1971			-	D 1976			-
33	-		-		D 1972							200	
330						D 1969			1111				
331						D 1971							
333						D 1969				T.			
334	(19)	s1 ,				D 1969							
335		¥()				D 1969						1	
336						D 1971						*1	
337						D 1969					J.		
338						D 1970							
339				+		D 1970							
34/36					D 1972	1 λ			D 1970				
347										D 1977			
35/354						D 1972				D			
355/359					1	D 1971		1 .					1
36			Se 1			D 1970		+					
368			1			D 1971 E 1965							
37	+			E 1965	D 1968					D 1976		-	2
37/39	-			-			ľ		D 1969				+
38				-	D 1972								
38/382	-					D 1969							
383/389						D 1971							
39					D 1971 1973	D 1970				D 1977			
5	D 1958 1964						D 1951		/		D 1970	0 H 1974	
5/50						D 1974				F (II)			
50/51					D 1968				D 1972		D 1963	3	
50/53						D 1943		D 1972	2				7.0
51		111				D 1976			D 1965				
52					D 1968	-			D 1967		D 1963	3	
53					n 1968 1973				D 1970		D 1963		D 1

Lingua	Alema	Eslovena	Espanhola	Francêsa	Nungara	Inglesa	Japonesa	Italiana	Polonesa	Portuguesa	Russa	S. Croata	Checa
54					D 1970	D 1972		D 1973					D 1971
54/546			2.1								D 1963		
541/547	4								D 1965				
547						· ·					D 1963		
548/549									D 1967		D 1963		
55					D 1970				D 1966	D 1967 1977	D 1963	- 4	
55/59						D 1943				1311			
56											D 1963		
56/57									D 1965		1963		
56/59					D 1968								
57/59		2:	D 1966								D 1963		
			1		((D 1966				
58			1					1			-		
59								1.	D 1965	1	1		
6/608						D 1971	-	-			1		
6/62											D 1969		
60/61					D 1972		D 1955		-				
608/61.3/614			1958						D 1970		1062	1	
61		м 1974	D 1967		Ě			D 1975	D 1972		D 1963 1971	м 1970	
611						D 1968							
612						D 1968							
613						D 1968			2.3				
614						D 1969							
615				E 1975		D 1968							
616						D 1970							
617						D 1968							
618						D 1968				1			
62	D 1964				D 1969 1974		D 1952				E 1965		
62/69	1974				19/4						D 1963		
											1703	1	D 1974
62/621.22			-			D 1973					1	-	D 1974
	-		1		-	2,7,0	-	-	D 1966	1			
620/621		1	D 1959						D 1966	1			-
620/621.398		1	1968			12						D 1972	-
621									1	-	TIEST-	D 19/2	
621/(621.0		-			D 1969 1974	D 1973		+	-		-		-
621.0/.22	-			-	1974			1					
621.039			-			E 1964							
621.1	-					D 1973		1			-		
621.22						D 1972							D 1051
621.3	E 1969			-	D 1974	D 1975			D 1967	D 1971	E 1964		E 1951 D 1972
621.4						D 1976							
621.4/.6					D 1975								
621.4/624.9 72			D 1965										
621.5						D 1971							
621.6						D 1973							

Lingua	Alema	Eslovena	Espanhola	Francêsa	Hungara	Inglesa	Japonesa	Italiana	Polonesa	Portuguêss	Russa	S.Crosta	Checa
621.7						D 1977							
621.7/.9					D 1969 1974								
628.1						D 1976							
621.9						D 1976							
622					-2-430	D 1955			D 1965				
622/623					D 1969								
622+669					7 15	E 1964					E 1968		
623						D 1974			D 1964				D 1974
624						D 1968							
624/628					D 1970				D 1964				
625					15.0	D 1976				1			
* .								1.2					
625/629			D 1968										
628						D 1968							
629					D 1971	D 1977	 n :0:=		D 1969		E 1974		
63		M 1973	D 1966	E 1966	D 1969 1975		D 1957		D 1968		E 1966	M 1970	D 1970
63/65	D 1965							1					
63/66					-						D 1970		
631/632				6.5		D 1970							
633/635						D 1970		-					
636/639						D 1969						E =	
64		M 1973	D 1969		1	D 1971			D 1967			M 1974	1
64/65		g +6			D 1971			1	1113/11			31	
65								D 1974		k:		D 1972	
65/651+657/659						D 1968							::
651/659									D 1967				
654						D 1969						1	
655				1		D 1970							
656					1.4						E 1964		
			1			D 1968							×
656/656.7			- 00		1	D 1972	1.						1
	2 10(5	1	1	1	D 1972		D 1952	D 1973	1			D 1972	
66/66.09	D 1965	-	+	+	D 13/12	D 1971	1 1350	1		1			1
		-	1	1	1		+	+	1	1	E 1964	1	
66/68			1	1	1	- 1000	+		1 :		1	-	-
661			1		-	D 1971		1	+				-
661/668		1	1	-	-			1	D 1967		-		-
662.1/.5	1		351		-	D 1970		1	-	111	-	-	+
662.6/.9			-	-	-	D 1970	-	-	-		-		-
663/664						D 1971	-				1		
665						D 1971					,	-	,
666						D 1971						1	
667			-			D 1971							
668						D 1971							
669		м 1973				D 1949			D 1965			D 1971	D 19

Lingua	Alema	Eslovena	Espsuhola	Prancesa	Hungara	Inglesa	Japonesa	Italiana	Polonesa	Portuguêsa	Kussa	S.Croata	Chec
67/673						D 1971							
67/69									8,	Y	D 1970		
671/673					D 1971					M. I			
671/676	14		¥			28			D 1965				
674			-		D 1971	D 1970							
675					D 1972	D 1971							
676					D 1971	D 1971					-		
677					D 1970	D 1972			D 1964				
678/679					D 1972	D 1954			D 1964				
681	1				D 1971				D 1963 1971				2
68/681.4		12-1-1		*		D 1972			19/1				
681.6		-				D 1971							
681.7					7	D 1975							
681.8/.9						D 1972							
					1								
682/683					D 1971	D 1973							
	-				D 13/11				D 106/				
682/685									D 1964	11/2			
684					44	D 1968	34.1						
685						D 1972							
685/686					D 1971								
686						D 1971							
686/689									D 1963				
687						D 1970						•	
687/689		- 44			D 1971								
688/689						D 1968							
69	1 1 111				D 1971	D 1958		TX	D 1963	M-1	*		
69/72	E 1955		E 1955	E 1955	E 1960	E 1955		E 1955		E 1955		E 1955	
7			D 1957 1967		D 1970	4-11			D 1969	D 1963	E 1965		
7/9											D 1970		
7/7.0					2	D 1976			7 7 7				
71	100		To-C			D 1976			,				
71/77				1611		100			, 11	ICE A	D 1963		
72	a troo la					D 1975	min.		py L				
73/76						D 1968							
77						D 1968							0
78						D 1971			-				1/2
79			Ť TU			D 1971				-			- 10
8		н 1974		TA	D 1974	D 1971		-	D 1968	D 1975			
9		н 1973			D 1969	D 1972			D 1967		-		
Edição Nedia	, 1967	11 1973		y 1967	2 2707	2 27.2	H 1974			н 1976	1969		
Edição Abreviada	H 1967 1968	A 1967	A 1963	н 1967 1973 A 1958	A 1966	A 1961	п 19/4	A 1964		A 1961	. 1707	-	

D = Desenvolvida

H - Media

A - Abreviada

E = Especial

5.2 - Revisão e Atualização

Mérito inegável da CDU e que sem dúvida constitui valioso enriquecimento de conteúdo é a existência de um organismo internacional (FID) para atualizá-la, colocando-a em posição vantajosa em relação aos outros sistemas atuais. Naturalmente, a manutenção de tal organismo absorve muito, e sua operação não só apresenta dificuldades como envolve gastos consideráveis. Mas somente assim se consegue o desenvolvimento e aperfeiçoamento de uma classificação.

Após a 2a. Guerra Mundial a CDU teve seu perío do democrático, isto é, suas modificações, ampliações e aperfeiçoamento não ficaram a cargo só de alguns técni cos, como anteriormente, mas de um grande número de Co mitês Nacionais e Internacionais de Revisão (UDC Revi sion Committees), supervisionados e coordenados pela Co missão Central de Classificação da FID (FID/CCC), cri ada em 1924, portanto, a Comissão mais antiga da FID. Esses Comitês são especializados nos diversos assuntos das classes e têm um papel muito importante na atualiza ção do sistema. A FID/CCC procura proteger os usuários contra modificações freqüentes ou desnecessárias e ado ta um método cuidadoso para obter a uniformização no de senvolvimento da CDU e manter o máximo de estabilidade, compatível com um aperfeiçoamento dinâmico.

Geralmente, as propostas "P" emanam do próprio usuário do sistema, da Comissão Central de Classifica ção ou de um Comitê Internacional, embora tenham direito de formular propostas todas as pessoas, usuários ou não da CDU. Se a proposta de alteração provém de um usuário,

deve ser enviada primeiramente à Comissão Nacional CDU do seu país, que, após estudá-la e no caso de vá-la, a envia ao Departamento de Classificação da FID na língua original do país que apresenta a proposta. Es sa proposta é comunicada aos Comitês de Revisão e ao De partamento de Classificação da FID, que se reúnem todos os meses, e decidem de sua publicação, encaminhando Comissão de Edição da FID/CCC. Se aprovada, é distribui da a todas as Comissões Nacionais (Usuários) por de uma circular em forma de P Note (Projeto são). Dentro do prazo de quatro meses todos os usuários podem e devem apresentar contrapropostas, só se admitin do as bem fundamentadas, e não observações vagas, simples objeções. Nesse período, se não houver nenhuma observação quanto ao P Note, a proposta é aceita almente. Havendo contraproposta, a Comissão de Edição e o Grupo Executivo decidirão se aceitam as modificações; se recusam ou se adiam a decisão, para consulta ao tor, aos especialistas ou aos Comitês de Revisão especí ficos do assunto. Quando aprovada, a modificação é blicada nas Extensões e Correções da CDU, tornando-se as sim oficial e entrando logo em vigor. O Departamento de Classificação da FID modifica a versão original, que ser ve de base para todas as edições da CDU.

O periódico "Extensions and Corrections to the UDC" começou trazendo as alterações feitas a partir de agosto de 1949 (P Note 411) e é dividido em séries; ca da série com seis números cumulativos, isto é, cada no vo número inclui, além das novas modificações a matéria já divulgada em os números anteriores. Para se conhece rem as alterações apresentadas, deve consultar-se o número seis de cada série e o último número da série em curso da publicação. Para localizarmos as alterações an

teriores a agosto de 1949, devemos consultar um <u>suple</u> mento da edição alemã intitulada "Erganzungen", publica da em 1951, que inclui todas as alterações feitas desde a publicação da 10a. edição alemã até junho de 1949.

Nas Extensões e Correções, a notação (nº de classificação e conceito) vem seguida da indicação P (Proposta), e por uma letra maiúscula (PC-Nota de correção; PE-Proposta da Comissão Central de Classificação ou da Secretaria da FID; PI-Proposta do Comitê Internacional) e de uma letra minúscula de "a-z", indicando o país onde a proposta foi apresentada, o ano, o número da proposta e um dos seguintes sinais: P...+ texto e número novo; P...X texto e número cancelado; P...! texto modificado de número existente.

Tomemos, por exemplo, duas propostas brasilei ras:

168.1 Investigação científica

PIbr 73-74!

981.0831 Transferência da Capital do Rio de

Janeiro para Brasília

PIbr 74-21+

O usuário do sistema, para ter a edição em uso atualizada, basta reunir o "Cumulated UDC Supplement" 1964 (FID 420) e 1965-1975 (FID 543) que abrange todas as extensões e correções até 1975, e mais os seguintes fascículos: série 9 n.3 1977 em diante.

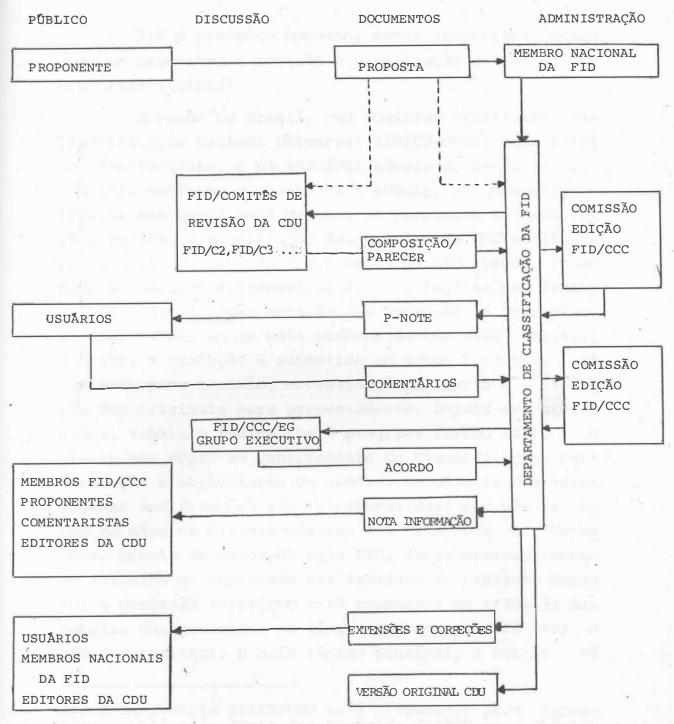
A seguir apresentamos no quadro IV os Comitês e Subcomitês de Revisão da CDU, com a data de criação e o país sede, e no quadro V o Procedimento de Revisão da CDU (27:3).

QUADRO IV

COMITÊS E SUBCOMITÊS DE REVISÃO DA CDU

FID/C 2	Religião (Bélgica, 1972)
FID/C 3	Ciências Sociais e História (Holanda, 1958, reconstituído 1976)
SC 30	Estudo de Ciência Social em geral, métodos etc. (Alemanha)
SC 31439	Sociologia (Holanda)
SC 32	Politica (Alemanha)
SC 33	Economia (Hungria)
SC 34	Direito e Administração (Hungria)
SC 351/354	Administração Pública (Holanda)
SC 361/364	Bem-Estar Social (Holanda)
SC 92/99	História (Dinamarca, 1972)
FID/C 51	Matemática (Rússia, 1968)
FID/C 52	Astronomia (Inglaterra, 1971)
FID/C 53	Fisica (Alemanha, 1953)
FID/C 54+66	Ciência e Tecnologia Química (Inglaterra, 1948)
FID/C 55	Ciências da Terra (Estados Unidos, 1963)
FID/C 620.1	Testes de Materiais (Alemanha, 1961)
FID/C 621.3	Engenharia Elétrica (Alemanha, 1948)
FID/C 621.7/.9	Oficina Mecânica (Alemanha, 1948, reconstituído em 1964)
FID/C 629+656	Transportes (Inglaterra, 1965, expandido em 1968)
FID/C 64	Economia Doméstica (Holanda, 1968)
FID/C 655+681.6	Indústria Gráfica (Alemanha, 1968)
FID/C 669	Metalurgia (Inglaterra, 1952)
FID/C 676	Papel (Finlândia, 1953)
FID/C 677	Indústria Têxtil (Alemanha, 1957)
FID/C 677.7	Indústria de Cordas e Cordoame (Holanda, 1974)
FID/C 69+	Construção, Arquitetura e Planejamento (Alemanha, 1975)
FID/C 796	Esportes (Bélgica, 1972)
FID/C 80	Linguas, Lingüistica (Polonia, 1970)
FID/C 91+(1/9)	Geografia e Auxiliares de Lugar (Alemanha, 1968)

QUADRO V
PROCEDIMENTO DE REVISÃO DA CDU



Até o presente momento, temos discorrido sobre como se processam a revisão e atualização da CDU em âm bito internacional.

Havendo no Brasil, uma Comissão Brasileira Classificação Decimal Universal (IBICT/CDU), como foidi to anteriormente, e um razoável número de usuários CDU (+), conforme o quadro VI a seguir, achamos por bem incluir uma breve nota de como se processam a ção, revisão e atualização das tabelas da CDU em língua portuguesa. A tradução das tabelas da CDU, tendo base as edições estrangeiras (alemã, inglesa ou sa), e a atualização através das Extensões e Correções, são feitas por um ou mais membros da Comissão. ormente, a tradução é submetida ao Grupo Executivo Comissão para revisão, normalização do texto e ção dos originais para processamento. Depois de proces sados, tabela e índice, pelo programa ELVCDU (28), via-se uma cópia ao Departamento de Classificação para aprovação e solicitação de número. Na maioria das vezes, algumas modificações são reintroduzidas, por não se te rem em mãos os últimos números das Extensões ções. Depois de aprovada pela FID, dá-se prosseguimento ao trabalho de impressão das tabelas. No presente momen to, a Comissão IBICT/CDU está empenhada na tradução das tabelas desenvolvidas em língua portuguesa (FID 342) fim de atualizar, o mais rápido possível, a Edição Mé

⁽⁺⁾ A Secretaria IBICT/CDU está preparando para impres são a publicação "Guia dos Usuários da CDU na América Latina/Directory of UDC Users in Latin America ", apro vada pela FID com o número 558.

dia em Língua Portuguesa (FID 541), recentemente impressa, "sem dúvida nem exagero, o maior acontecimento biblioteconômico de 1976" (29:109).

QUADRO VI

USUÁRIOS DA CDU NO BRASIL

ESTADOS/CIDADES	TOTAL POR CIDADE	TOTAL POR ESTA
AMAZONAS		1
Manaus	1	
BAHIA	1	20
Feira de Santana Salvador	.19	
CE ARÂ		7
Fortaleza DISTRITO FEDERAL	× 7	32
Brasilia	31	32
Sobradinho	1	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1
ESPÎRITO SANTO Vitôria	3	3
GOIÂS	·	1
Goiania	1	F 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1
MARANHÃO São Luis	16	16
MATO GROSSO		1
Tres Lagoas	1	
MINAS GERAIS Acesita	1	76
Alfenas	î	
Belo Horizonte	53	1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1
Contagem Divinopolis	1 1	
Formiga	1 -	F7'W 1,1
Governador Valadares	-1	1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1
Itajubā Itaūna	2	100
João Monlevade	1	4
Juiz de Fora	1	17 17 15 CO.
Machado Montes Claros	2	1 1 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2
Ouro Preto	1	100
Santa Rita do Sapucai	2	F 11
São João del Rei Uberlândia	2 2	
PARÅ		5
Belém	5	
PARAÎBA Campina Grande	1	6
João Pessoa	5	
PARANĀ		7
Londrina Curitiba	1 6	2
PERNAMBUCO		22
Jaboatão	2	
Recife PIAUI	20	2
Teresina	2	
RIO DE JANEIRO		70
Campos	1 5	
Niteroi Petropólis	1	Marie Control of
Rio de Janeiro	63	
RIO GRANDE DO NORTE		2
Natal RIO GRANDE DO SUL	2	70
Bage	1	
Bento Gonçalves	1	
Cachoeira do Sul Cachoeirinha	1 2	
Canoas	2	
Caxias do Sul	* 1	
Ijuî Porto Alegre	1 58	
Rio Grande	1	
Santa Rosa	1	and the state of t
São Leopoldo SANTA CATARINA	1	
Florianopolis	3	8)
Joinville	i	
SÃO PAULO		100
Araraquara Campinas	3	
Espírito Santo do Pinhal	1:	*
Guaratinguetā	1	
Guarulhos Jaboticabal	$\frac{1}{1}$	
Jundial	1	
Lorena	3	
Osasco Piracicaba	27	6.
Pirassununga	1	
Ribeirão Preto	3	
Santos São Berhardo do Campo	1	***
São Caetano do Sul	1	
São José do Rio Preto	1	
São José dos Campos	5	
São Paulo Tatui	66	
Taubaté	î	

5.3 - Mecanização

Podemos afirmar que, mesmo sem a reforma da estrutura básica preconizada, a CDU tem-se mostrado eficiente no armazenamento e recuperação da informação, e em serviços de disseminação da informação mecanizados. O desenvolvimento da CDU foi aliás altamente influenciado pelo uso crescente de computadores em serviços e sistemas de informação. A opinião por alguns expressa, de que a CDU seria incompatível com a mecanização, e que, por conseguinte, como sistema de classificação estaria com os dias contados na era da automação, já hoje está completamente superada.

Existem, a esse respeito, experiências notáveis que provam ser a CDU perfeitamente adaptável à máquina. Grande é o número dessas experiências, bastando consul tar a monografia de Malcolm Rigby (30) para que não res te dúvida a esse respeito. Sem querer estabelecer qual quer juizo de valor com relação às demais experiências, convém chamar atenção para o projeto "AUDACIOUS - Auto matic Direct Access to Information with the on-line UDC System", de Robert R. Freeman e Pauline Atherton (31) realizado nos Estados Unidos. Mas também são dignos atenção os trabalhos desenvolvidos por Barnholdt na Dinamarca; o de Saedeleer (33) na Bélgica; Sydler (34) na Suiça; o de Corbett (35) na Grã-Bretanha; e o de Popov (36) na Russia. No Brasil, convém não quecer que alguma coisa de positivo já tem sido feita, merecendo atenção os trabalhos de Abner Lellis Vicentini (37,38), Elvia de Andrade Oliveira (28, 38), Angela M. Crespo Q. Neves (39); Lourdes Mesquita (40) e

outros. Ao todo, de acordo com as informações de Malcolm Rigby, acima mencionado, já foram feitas cerca de ses senta experiências em mais de quinze países, sendo qua tro desses projetos pertencentes a organizações internacionais. De qualquer sorte, a utilização da CDU em com putador já se tornou comprovadamente possível no arranjo, armazenamento e recuperação da informação, e na elaboração de tabelas, catálogos de bibliotecas, índices etc... Nenhuma dessas experiências exigiu transformações radicais ou impossíveis, mas apenas mudanças relativamente pequenas, o que vem mostrar e confirmar um dos ítens do nosso trabalho: a riqueza da CDU que não poderá ser mais postergada.

A opinião de Farradane sobre a "ineficiência da CDU em sistemas de recuperação de informação mecaniza dos" perdeu sua validade perante as conclusões a que che gou a 3a. Conferência Internacional sobre Investigações no Campo da Classificação (Internacional Conference on Investigations in the Field of Classifications), de 1975, em Bombaim, onde a CDU foi considerada por grande número de cientistas como um sistema perfeitamente adap tado aos serviços de informação mecanizados (41:3).

6 - REFORMA

Foi dito de início que a CDU constitui um dos candidatos possíveis a uma linguagem internacional de documentação. Entretanto, seria ingênuo pretender que a atual CDU, sem as reformas ultimamente preconizadas, possa ter aceitação internacional. Podemos apresentar,

em linhas gerais, as três correntes que se preocupam com o futuro da CDU. A primeira é radicalmente contrária a qualquer reforma. São os chamados conservadores. O sistema deve permanecer o mesmo, sofrendo apenas as habituais extensões e correções. A segunda corrente, em oposição à primeira, é a favor de uma reforma drástica na CDU, chegando a propor a criação de um novo sistema de classificação. Já alguns anos atrás a Dra. Dahlberg (42:22), de acordo com essa linha de pensamento, elaborou um estudo em que propõe uma nova divisão de assuntos para a CDU, transformando o sistema em categorias fundamentais com subdivisões consistentes, criando as sim uma Nova Classificação Decimal Universal (New Universal Decimal Classification - NUDC), cujas principais classes seriam:

- O) Ciências Estruturais (Matemática, Estatística, Ciências de Organização, Pesquisas Operacionais, Cibernética, Teoria de Informação etc)
- Física, Química, Geociências e Tecnologia (As trofísica, Física Nuclear, Geologia, Minera logia, Oceanografia etc.)
- c) Biologia (Botânica, Zoologia, Biofísica, Bioquímica etc.)
- d) Ciências Biológicas Aplicadas (Medicina, Veterinária, Farmacologia, Agricultura etc.)
- Antropologia (Homem e seu universo)
- Ciências Sociais (Homem e seus semelhantes -Politica, Direito, Economia, Administração, E ducação, Recreação, Atividades do Lazer etc)

- g) Engenharia (Transporte, Construção, Embalagem etc.)
- Ciência da Informação (Museologia, Arquivísti ca, Biblioteconomia, Documentação, Comunicação (publicidade) etc.)
- Humanidade (Literatura, Arte, Música, Filosofia, Mitologia, Teologia)

Já a terceira corrente, com a qual estamos acordo, se propõe ao estudo do aproveitamento da atual CDU, sofrendo profundas reformas de estruturas. Essa é a linha de pensamento da Comissão Central de Classifica ção da FID, que, através de seus inúmeros comitês e sub comitês, se acha atualmente empenhada na reforma da CDU, transformando-a também numa superestrutura, a fim de co locá-la em harmonia com as idéias modernas da documenta ção e de atender a uma das conclusões apresentadas 1971 no "Simpósio Internacional sobre a CDU em Relação às outras Linguagens de Indexação", a de que a CDU deve ria transformar-se em um sistema de cúpula ("Roof Sys tem") a ser usado pelo UNISIST. Dois são, atualmente, os principais programas da FID: a reforma da CDU e a elabo ração do chamado Código de Referência Normalizado para atender às necessidades do UNISIST na obtenção de uma linguagem universal na recuperação da informação.

Parece-nos que após muitos anos de elaborações e mendas, mutações, substituições, cancelamentos, altera ções, correções e extensões, a CDU está pronta para ser revista. Propomo -nos a neste capítulo alguns dos principais meios para sua reforma estrutural, e os princípios gerais provisórios da futura CDU.

Dois são os principais meios para sua reforma estrutural, de acordo com a decisão da FID: aplicar à CDU as normas de facetação nas tabelas principais e au xiliares, e transformar em tesauros os índices alfabéti cos. Experiência nesse sentido, de indice tesaurificado, foi feita na classe 330 - Ciência Econômica, por d'Haenens e Georges Lorrphèvre (43). Com a reforma pre vista deverá a CDU tornar-se totalmente facetada, e não mais semi-facetada, incluindo somente assuntos simples (disciplinas fundamentais e subdisciplinas, ex: Física, Química etc.))ou qualquer assunto que reflita apenas uma faceta de uma classe básica (ex: Literatura inglesa, Romance etc.), como a "Colon Classification", e mais assuntos compostos (os que refletem duas ou facetas da mesma classe básica, ex: Romance inglês etc.). e assuntos complexos (os que refletem duas ou mais clas ses básicas diversas, ex: influência da Bíblia no roman ce inglês etc.) (44).

O trabalho de elaborar as facetas básicas de de terminado assunto está sendo coordenado e supervisiona do por um grupo de especialistas da FID/CCC/FCG (Facets Coordination Group), cuja regra básica, a ser aplicada, está de acordo com a regra lógica: "Somente um principio de divisão deve ser usado de cada vez, a fim de se obter classes mutuamente exclusivas.

Além dos assuntos simples, significando que fal sas hierarquias sairão e novas facetas serão trintroduzi das, deverá ser mantida no esquema, como relações pré-

coordenadas (número pronto), apenas a relação genérica, lógica ou abstrativa (ex.: Metal, ferro; Biblioteca es pecializada) e relação partitiva (ex.: Residência, por ta). E todas as demais relações: coisa - processo (li vro, classificação), coisa - material (edifício, cimen to armado), coisa - espaço (rios, Brasil) e coisa - tem po (bibliotecas, amanhã) etc. deverão desaparecer da ta bela e ser mantidas apenas como relação pós-coordenadas (número a ser elaborado), e não mantidas no sistema como é atualmente. Deverá o sistema reformado ter uma lingua gem controlada com seleção de termos e relacionamento en tre os mesmos (morfologia e sintaxe).

As atuais tabelas auxiliares da CDU compõem-se de facetas gerais, aplicáveis a todas as demais tabelas principais; com a reforma presume-se que haverá uma revisão destas mesmas tabelas. Segundo a linha de pensa mento de alguns teóricos da CDU, deverá o sistema continuar baseado em disciplinas nas tabelas principais, sendo que as tabelas auxiliares (facetas gerais) serão baseadas em fenômenos, de acordo com a teoria dos níveis integrativos (é a doutrina segundo a qual existe na natureza uma sequência de níveis, sendo que os níveis su periores são formados pela integração de elementos provenientes dos níveis inferiores. Ex.: os átomos integrados formam a molécula, as moléculas integradas formam o tecido, os tecidos integrados formam os órgãos, os órgãos integrados formam o ser).

Como já foi mencionado acima, a CDU reformada consistirá em classes básicas e/ou campos do conhecimen to ("subject fields") e facetas. As classes básicas se

rão consideradas como um conjunto de atividades relacionadas com um ou mais assuntos. Facetas e classes básicas terão divisões próprias hierárquicas. Tal hierar quia conterá somente relações abstrativas ou partitivas. Outras relações (associativas) serão expressas pela combinação de números da classe básica com números de facetas.

Numa classificação facetada universal é fácil compreender que algumas facetas serão relevantes em to das as classes básicas, e outras facetas para um grupo ou para cada classe básica em particular. Por isso, de acordo com sua aplicabilidade, os seguintes tipos de facetas serão distinguidos: facetas gerais - se aplica veis em todas ou na maioria das classes básicas; facetas comuns ou coletivas - se aplicáveis a um pequeno grupo de classes básicas; facetas específicas ou particula res - se aplicáveis em uma só classe básica.

Estas facetas da CDU reformadas são comparadas com os auxiliares gerais e especiais da atual CDU. A principal diferença entre auxiliares e facetas é que os auxiliares, de acordo com o próprio nome, têm uma fun ção somente de auxiliar (dependente), ao passo que as facetas são planejadas tanto para uso independente (se paradas ou entrada principal) como dependente (para es pecificar outra entrada).

Consciente da necessidade premente da reformada CDU, a FID/CCC/SN (Structure and Notation of UDC), cuja função principal é o estudo, preparação e elaboração de propostas para a futura estrutura e notação da CDU, iniciou estudos pilotos para elaborar com detalhes sua re

forma, começando pela análise do conteúdo das tabelas. Foram considerados como os mais importantes itens para a construção, ou transformação, ou reorganização, de um sistema de classificação, os seguintes:

- a) Princípios gerais (respectivos campos de <u>a</u> plicação, tipos de possíveis usuários e o estado atual da ciência da classificação)
- F) Terminologia
- e) Estrutura
 - (1) Notação
- Regras e Normas (princípios gerais do siste ma; regras para manutenção, para publica ção e para organização e administração; nor mas para elaboração, apresentação de atua lização e proposta de revisão e aplicação do sistema).

Sobre as bases de todas as considerações mencionadas acima, a FID/CCC aceitou a resolução e reconheçe que a CDU reformada se constituirá numa classificação facetada (tabela), com um índice alfabético em forma te saurificada, e que as necessidades da recuperação da informação mecanizada teriam que ser levadas em consideração nesse projeto de reforma da CDU.

Após alguns estudos, os seguintes princípios <u>ge</u> rais provisórios do futuro sistema foram aprovados na Reunião Anual da FID/CCC "General Classification Systems in a Changing World", em novembro de 1976 (45:10).

A CDU reformada será uma linguagem de informa ção internacional universal (indexação, arquivamento e recuperação) na forma de uma classificação decimal face

tada multidimensional e polierárquica de conceitos não pré-coordenados. Isto é:

- (4) Universal e Internacional, porque arrola todo o verso do conhecimento e atividade humana e poderá vir de intercomunicação entre os países; poderá ser usa da em todos os ramos de trabalho de informação, isto é, em documentação, bibliotecas, arquivos, museus e outros serviços; parte dela poderá ser usada independentemente como códigos internacionais para fins específicos, isto é, suas tabelas em campos do conhecimento, como um Códi go de Referência ou suas tabelas de materiais como Código Internacional de Materiais, ou suas tabelas de entidades política - administrativa como um Código In ternacional de Países; sua notação supera todas as reiras lingüísticas e permite um uso universal; seu cabulário básico restringido a facetas permite em curto prazo sua atualização, possibilitando, portanto, a inde xação padronizada internacional;
- b) Nierárquica, porque suas relações entre os níveis de classe (em todos os campos e facetas) seguem umas as ou tras em cadeia num sentido hierárquico restrito;
- c) polierárquica, porque possui possibilidade combinatória de termos, da qual resulta a polierarquia, apesar do caráter monoierárquico subjacente;
- d) multidimensional, porque cada classe básica e cada faceta pode ser subdividida de maneiras diversas, se ne cessário,
 - e) decimal, no sentido de que suas notações são constituídas principalmente pelo uso de algarismos do sistema decimal (sistema de números com base dez), mas não no

sentido que o número de subdivisões de uma classe seja limitado a dez

(a) cactada, no sentido de que os itens pertencentes a uma determinada classe básica, que não sejam subclasses no sentido hierárquico das relações, se agrupam em cate gorias. Estes itens são apresentados em listas separa das, subdividas também hieráquicamente, chamadas face tas. As facetas representam categorias em determinado campo, ou seja, divisões mais ou menos fundamentais e padronizadas, conceptualmente distintas uma das outras divisões, dentro dos quais os itens do conhecimento podem ser agrupados. Ambas, faceta e classe básica, podem ter sua própria divisão hierárquica;

y vão pré-coordenada, porque na tabela existirá lugar somente para conceitos simples, e não para conceitos com postos e complexos;

h) As facetas gerais serão apresentadas normalmente in dependentes dos campos em que possam ser aplicadas, li vres de qualquer ponto de vista. Facetas especiais têm o aspecto do campo (faceta geral) sobre as quais elas foram colocadas. É claro que as facetas especiais apre sentam o ponto de vista do campo em que aparecem,

Llassificação por conceito ou conceitual, porque os descritores que aparecem nas tabelas são representados somente por conceitos simples.

Até o momento algumas explanações do projeto de reforma da CDU foram mostradas, porém, não podemos dei xar de mencionar outros problemas adicionais como o pla nejamento para a realização do mesmo, problemas técnicos, financeiros e administrativos. As Comissões FID/CCC

e FID/CCC/SN não podem resolver sozinhas esses problemas; esperam contar com a cooperação ativa dos comitês e subcomitês da FID e usuários da CDU, na análise das classes da CDU existentes e das tabelas auxiliares.

7 - CONCLUSÃO

O tema que abordamos nesta dissertação pretendeu ser apenas uma reflexão sobre os esforços que vêm sendo desenvolvidos pela FID na busca de uma linguagem universal de informação. Evidentemente é um problema que interessa ao ambiente brasileiro, não só porque não podemos ficar indiferentes à criação de uma linguagem desse tipo, como porque a classificação que de certo modo servirá de matéria prima para a futura linguagem é a CDU, e esta, todos sabem, tem, no Brasil, 445 utilizado res.

Foi necessário explicitar alguns dos pressupos tos contidos na tomada de posição da FID que aparente mente poderiam ser omitidos ou esquecidos. É o caso do capítulo sobre as estruturas do pensamento científico. A nosso ver, a raiz de toda problemática está exatamen te aí. Se a FID se dispõe à criação de uma linguagem in ternacional em forma de classificação, é porque, eviden temente, não se colocou na linha dos que, desconhecendo as estruturas básicas do pensar humano, supõem um ato mismo conceitual, nesta hora já superado, como superada está a base filosófica em que se apoia, ou seja, um em pirismo radicalizante.

Obviamente, os construtores da futura linguagem de indexação não deverão partir do nada, mas aceitar, mediante rigorosa e ponderada análise, tudo que de positivo e válido foi transmitido pelo passado. Eis a razão por que, logo a seguir, fizemos uma análise histórica daquilo que chamamos raízes estruturais da CDU. Tratase de um esforço obviamente analítico, por detectar os elementos permanentes das estruturas lógicas da CDU, que poderão servir de contribuição para a elaboração da futura linguagem de recuperação da informação.

Seguiu-se a análise do que podemos chamar de riquezas de conteúdo e estruturas da CDU. São esses elementos que nos servem de base para uma possível justificação da atitude assumida pela FID ao querer transformar a CDU numa das futuras linguagens universais de indexação.

Em síntese: a presente dissertação não teve por finalidade apresentar uma imagem concreta do que poderá vir a ser a futura CDU. Os elementos de que atualmente dispomos não o permitiriam. Também não foi nosso propósito apresentar regras ou receitas para esse trabalho. Nossa meta foi, ao invés, uma análise dos pressupostos gerais em que deverá necessariamente apoiar-se a futura CDU. Poder-se-á dizer que, neste sentido, o trabalho a presenta pouca aplicação prática. Não o negamos. Temos, porém, por axiomático, que mais vale o conhecimento dos princípios do que as regras práticas que deles possam derivar. Esta a razão por que iniciamos nossa dissertação com a análise das estruturas lógicas do pensamento e concluímos pela apresentação dos elementos aproveitá veis da atual CDU e dos princípios gerais que neste mo

mento norteiam os trabalhos da sua reforma. Do que foi dito emergem em concreto as seguintes conclusões:

- necessidade de uma ordem sistemática não pode ser ignorada. É necessário e urgente criar pelo menos uma estrutura geral do conhecimento como classificação de cúpula ("Roof Classification", "Umbrella Classification") para servir como sistema de ligação para as coleções dos centros de documentação,
- realização de uma moderna classificação universal do conhecimento, baseada em princípios filosóficos, é importante não só como instrumento da documentação, mas também como meio contra os malefícios causados à socie dade pela atomização do conhecimento provocada pelo continuado processo da especialização dentro da ciência e tecnologia,
- necessidade urgente de uma classificação univer sal para organização racional das atividades científicas e o planejamento da pesquisa em escala nacional e internacional é incontestável. Aliás, o problema não é novo. E essa tarefa poderia contrabalançar a atomização da informação introduzida pelo uso do computador e dos tesauros;
- wento foi uma das grandes tarefas da Filosofia; só nos últimos anos se fez sentir a presença dos técnicos da classificação. Como a necessidade teórica e prática de uma classificação do saber humano se torna cada dia mais imperiosa, fez-se mister um encontro entre os dois grupos (filósofos e técnicos da classificação) como foi preconizado no Congresso sobre os Fundamentos da Classi

ficação do Conhecimento, em Ottawa, em 1971, a fim de que se torne quanto antes possível a realização do programa da FID,

- arece difícil enxergar qualquer vislumbre de morte da classificação, quando o pensamento da FID, que neste momento colabora com a UNESCO, no projeto UNISIST, é a elaboração de uma linguagem universal, capaz de diminuir ou anular os graves inconvenientes criados pelas modernas técnicas que realizam, no campo da Documentação e Informação Científica: a total incompatibilidade entre os vários sistemas de informação;
- necessidade de uma classificação universal foi ul timamente posta em relevo por Kofnovec e Simandl (46:1), quando eles afirmam que, do mesmo modo como as classificações especiais necessitam em última análise de uma classificação universal, também os tesauros, que de al gum modo podem ser considerados também como classificações especiais, não podem funcionar no vazio. Conseguin temente, necessitam de um tesauros universal, mas, por enquanto, este é apenas uma utopia;
- g) inalmente, através das análises acima elaboradas, podemos concluir que não somente não soou a hora final das classificações, mas que o futuro da informação repousa exatamente na criação de uma linguagem universal de informação científica, e esta poderá ser a CDU devidamente reformada.

8 - BIBLIOGRAFIA CITADA

- (1) UNESCO. UNISIST: etude sur la realization d'un système mondial d'information scientifique, effectuée par l'Organization des Nations Unies pour l'Education, la Science et la Culture et le Conseil International des Unions Scientifiques. Paris, 1971.
- (2) KYLE, B. The UDC: a study of the present position and future developments, with particular attention to these schedules which deal with humanities, arts and social sciences. Unesco Bulletin for Libraries, Paris, 15(2):53-69, Mar./Apr. 1961.
- (3) VICKERY, B.C. The UDC and technical information.

 <u>Unesco Bulletin for Libraries</u>, Paris, <u>15</u>(3):126 38, May/June, 1961.
- (4) VEIGA, E.A. <u>Teoria da classificação decimal universal</u>. Rio de Janeiro, 1976. 24 p. /Trabalho apresentado à Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, Rio de Janeiro, 1976/
- (5) STEVENSON, G. The historical context: traditional classification since 1950. Drexel Library Quarterly, Philadelphia, 10(4):11-9, Oct. 1974.
- (6) SALTON, G. <u>Dynamic information and library processing</u>. New Jersey, Prentice-Hall, 1975. 523 p.
- (7) GROLIER, E. Classification one hundred years after Dewey. Unesco Bulletin for Libraries, Paris, 30 (6):320-9, Nov./Dec. 1976.
- (8) GESELLSCHAFT für klassifikation Ev. FID News Bulletin, The Hague, 27(7):70-80, July 1977.
- (9) DATTA, S. & FARRADANE, J. E. A psychological basis for general classification. 1971. 13 p./Trabalho apresentado à Ottawa Conference on the Conceptual Basis of the Classification of Knowledge, Ottawa, 1971/
- (10) FOSKETT, A. C. <u>A abordagem temática da informação</u> . São Paulo, Poligno, 1973. 437 p.
- (11) BRITISH Standards Institution. <u>Guide to the universal decimal classification</u>. London, 1963. 128 p.

- (12) DUBUC, R. <u>La classification décimale universelle</u>; manuel pratique d'utilization. Paris, Gauthier Villars, 1973. 308 p.
- (13) FOSKETT, A. C. The universal decimal classification. London, Clive Bingley, 1973. 150 p.
- (14) MILLS, J. The universal decimal classification. New Brunswick, Graduate School of Library Service, Rutgers the States University, 1964. 171 p.
- (15) BARBOSA, A. P. Classificação decimal universal. In:
 ----. Teoria e prática dos sistemas de classifica
 ção bibliográfica. Rio de Janeiro, IBBD, 1969.
 p. 385-421.
- (16) LENTINO, N. Classificação decimal universal: seu desenvolvimento, sua atualização. In: ----. Guia teórico, prático e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica. São Paulo, Polígno, 1971. p. 209-73.
- (17) PIEDADE, M. A. R. Classificação decimal universal.In:
 ----. Introdução à teoria da classificação. Rio de
 Janeiro, Interciência, 1977. p. 79-110.
- (18) WAHLIN, E. Classification systems and their subjects.
 In: SARACEVIC, T. Introduction to information scient ence. New York, Bowker, 1970. p. 394-410.
- (19) AITCHISON, J. & GILCHRIST, A. Thesaurus construction; a practical manual. London, Aslib, 1972. 95 p.
- (20) DAHLBERG, I. <u>Future of indexing languages</u>. Rio de Janeiro, 1976. 13 p. /Trabalho apresentado à Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, Rio de Janeiro, 1976/
- (21) DATTA, S. A organização de conceitos para recuperação da informação. Ciência da Informação, Rio de Janei ro, 6(1):17-28, 1977.
- (22) SHERA, J. H. et alii. <u>Documentation in action</u>. New York, 1956.
- (23) DEWEY, M. A Classification and subject index for cataloguing and arranging the books and pamphlets of a library. Amherst, Mass., Lockwood & Brainard, 1876.

- (24) SEALOCK, R. B. <u>International commitments of the Dewey</u>
 <u>Decimal Classification</u>, 1976. 9 p. /Trabalho apre sentado ao FID/CCC Symposium on General Classification Systems in a Changing World, Brussels, 1976/
- OTLET, P. Sur la structure des nombres classificateurs.

 Bulletin de l'Institut International de Bibliographie,
 La Haye, 1:230-43, 1895/1896.
- (26) RAYWARD, W.B. The universe of information: the work of Paul Otlet for documentation and international organization. Moscow, VINITI, 1975. 390 p.
- (27) LAAN, A van der & WIJN, J. H. de. UDC revision and SRC project: relations and feedback. Unesco Bulletin for Libraries, Paris, 28(1):1-9, Jan./Feb. 1974.
- (28) OLIVEIRA, E. de A. Automação dos indices das tabelas da CDU. Rio de Janeiro, IBBD, 1973. 31 p. /Dissertação de Mestrado/
- (29) FONSECA, E. N. Vantagens da utilização da CDU por todas as bibliotecas brasileiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 9., Porto Alegre, 1977. Anais. Porto Alegre, 1977. v.I, p. 109-10.
- (30) RIGBY, M. Computers and the UDC; a decade of progress 1963-1973. The Hague, FID, 1974. 108 p. (FID 523)
- (31) FREEMAN, R. R. & ATHERTON, P. AUDACIOUS An experiment with an on-line interactive reference retrieval system using the UDC as the index language in the field of nuclear science. American Institute of Physics UDC Project Report no AIP/UDC 7, New York, Apr. 25, 1968.
- (32) BARNHOLDT, B. The computarization of the UDC-Classed library catalogue of Danmarks Tekniske Bibliotek, Copenhagen. Libri, Copenhagen, 21(3):234-45, 1971.
- (33) SAEDELEER, G. de. <u>Principes de base pour le traitement</u> de la CDU dans une systeme automatise. Bruxelles, Ministere des Affaires Economiques. 1974. 36 p.
 - (34) SYDLER, J. P. La CDU et la mécanisation. /Trabalho apre sentado ao Seminário di Studi sulla CDU, Rome, 1975/
 - (35) CORBETT, L. The use of UDC and computer-aided literature reprocessing at UKAEA. Aldermaston. 1970. 10 p. /Tra balho apresentado ao Seminar on UDC and Mechanized Information Systems, Frankfurt, 1970/

- (36) POPOV, I. V. <u>UDC for mechanized information retrieval</u>
 in <u>VINITI</u>. 1970. 12 p. /Trabalho apresentado ao Seminar on UDC and Mechanized Information Systems,
 Frankfurt, 1970/
- (37) VICENTINI, A. L. C. et alii. Mecanização da CDU: o projeto LEMME. Revista de Biblioteconomia de Brasilia 1(1):21-34, jan./jun. 1973.
- (38) VICENTINI, A. L. C. & OLIVEIRA, E. de A. UNIDEK: aplicação à bibliografia brasileira de botânica. In: COM GRESSO REGIONAL SOBRE DOCUMENTAÇÃO, 2. Rio de Janeiro, 1969. Anais. Rio de Janeiro, IBBD, 1970. p. 102-12.
- (39) NEWES, A. M. C. Q. Aplicação da classificação decimal universal numa rede documentária. Rio de Janeiro, 1976. 24 p. /Trabalho apresentado à Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, Rio de Janeiro, 1976/
- (40) SIQUEIRA, L. M. A CDU e o computador. Rio de Janeiro, 1976. 14 p. /Trabalho apresentado à Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, Rio de Janeiro, 1976/
- (41) MEKHTIEV, D. M. Use of UDC in automated inter-branch systems of information service. 1976. 17 p. /Trabalho apresentado ao FID/CCC Symposium on General Classification Systems in Changing World, Brussels, 1976/
- (42) DAHLBERG, I. Possibilities for a new universal classification. <u>Journal of Documentation</u>, London, <u>27</u>(1):18-36, Mar. 1971.
- (43) HAENENS, L. & LORPHÈVRE, G. Redaction d'index thesaurifié de la CDU (Thesaurus-form index for UDC). La Haye, FID, 1974. (FID/CCC/EG Meeting Doc. 74-5a).
- (44) UNIVERSAL Decimal Classification. Revision Publication. Procedure. The Hague, FID, 1968. 2.23
- (45) SCHMIDT, A. F. & WIJN, J. H. Future development of the UDC, 1976. 18 p. /Trabalho apresentado ao FID/CCC Symposium on General Classification Systems in Changing World, Brussels, 1976/
- (46) KOFNOVEC, L. & SIMANDL, D. An objective approach to building up a general classification scheme. 1972.

 3 p. /Trabalho apresentado no FID Congress, Budapest, 1972/

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABBAGNANO, N. <u>Dicionário de Filosofia</u>. São Paulo, Mestre Jou, 1970. p. 126.
- BARBOSA, A.P. Classificação decimal universal. In: ----.

 <u>Teoria e prática dos sistemas de classificação biblio</u> gráfica. Rio de Janeiro, IBBD, 1969. p. 385-421.
- ----. Classificações facetadas. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 1(2):73-81. 1972.
- BASTOS, Z.P.S.M. Melvil Dewey sua vida, sua obra. Rio de Janeiro, 1976. 18 p. /Trabalho apresentado à Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, Rio de Janeiro, 1976/
- CAMPOS, A. T. A teoria das classificações analítico-sintéticas, ou facetadas, e a sua influência sobre a reforma da classificação decimal universal. Revista de Biblioteconomia de Brasilia, 3(1):23-6, jan./jun. 1975.
- ----. Novas perspectivas para a CDU face à sua possível inserção no projeto UNISIST. <u>Cadernos de Biblioteconomia, Ar</u> <u>quivistica e Documentação</u>, <u>Coimbra</u>, <u>9</u>(2):89-91, abr. 1972.
- ----. Ficção ou começo de uma alienação. <u>Cadernos de Biblio teconomia, Arquivistica e Documentação</u>, <u>Coimbra</u>, <u>9</u>(2):92-4 abr. 1972.
- ----. O nascer de uma utopia: ainda e sempre o problema da classificação bibliográfica. Revista de Biblioteconomia de Brasilia, 1(1):15-9, jan./jun. 1973.
- ----. Problemas relativos à tradução brasileira das tabelas médias da CDU. In: CONGRESSO REGIONAL SOBRE DOCUMENTAÇÃO, 2., Rio de Janeiro, 1969. Anais. Rio de Janeiro, IBBD, 1970. p. 96-101.
- CAVALCANTI, C. R. A classificação bibliográfica como instrumento de recuperação da informação. Rio de Janeiro, 1976 12 p./Trabalho apresentado à Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, Rio de Janeiro, 1976/

- ----. <u>Panorama de sistemas de classificação</u>. Rio de Janeiro, 1976. 7 p. /Trabalho apresentado à Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, Rio de Janeiro, 1976/
- DAHLBERG, I. <u>Classification</u>, theory, today and yesterday. Rio de Janeiro, 1976. 21 p. /Trabalho apresentado à Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, Rio de Janeiro, 1976/
- FEDERAÇÃO Internacional de Documentação. FID publications an 80 years bibliography, 1895-1975. The Hague, 1975. 94 p.
- ---- FID yearbook. The Hague, 1977. 72 p.
- ----. FID publications catalogue. The Hague, 1976. 26 p.
- FONSECA, E. N. Apogeu e declinio das classificações bibli ográficas. Rio de Janeiro, 1976. ll p. /Trabalho apressentado à Conferência Brasileira de Classificação Bibli ográfica, Rio de Janeiro, 1976/
- KEDROV, B. M. Clasificación de las ciencias. Moscou, Editorial Progreso, 1974. v.I.
- KEEP up to date with your UDC. FID News Bulletin, The Hague, 17(12):137-8, 1967.
- KOFNOVEC, L. Functions of indexing and retrieval languages in national and information systems of scientific and technical information. 1975. 5 p. /Trabalho apresentado ao Seminário di Studi sulla CDU, Rome, 1975/
- ----. Problems of universal classifications (based on a comparative study of the UDC and the Soviet Library-Bindbliographic Classification). 1976. 13 p. /Trabalho apresentado ao FID/CCC Symposium on General Classification System in Changing World. Brussels, 1976/
- LANGRIDGE, D. <u>Classificação-abordagem para estudantes de</u> biblioteconomia. Rio de Janeiro, Interciência, 1977. 120 p.
- LENTINO, N. Novos aspectos da CDU face as novas notas da FID. IBBD/CDU Informativo, Rio de Janeiro, 3(2):1-8, 1975.

- ----- Primeiras e últimas tendencias da classificação decimal CDD/CDU. IBBD/CDU Informativo, Rio de Janeiro, 4(1):1-15, 1976.
- LLOYD, G. A. The UDC in its international aspects. Aslib Proceedings, London, 21(5):204-8, 1969.
- LORPHÈVRE, G. Henri La Fontaine (1854-1943); Paul Otlet (1868-1944). Review of Documentation, 21(3):89-103, 1954.
- MALTBY, A. Universal decimal classification. In: ----. Say ers' manual of classification for libraries. London, Andre Deutsch, 1975. p. 159-73.
- PIEDADE, M. A. R. <u>Introdução à teoria da classificação</u>. Rio de Janeiro, Interciência, 1977. 182 p.
- RIGBY, M.A. A century of mutation of the decimal classification. 1976. 13 p. /Trabalho apresentado ao FID/CCC Symposium on General Classification Systems in Changing World, Brussels, 1976/
- VICENTINI, A. L. C. As atividades da EID/CCC, Comissão Central de Classificação. In: CONGRESO REGIONAL DE DOCUMEN TACION. 4., Bogotá, Colombia, 1973. Anais. México, CONACYT, 1974. p. 327-30.
- WIJN, J. H. de. One century decimal classification; a comparison between the Dewey Decimal Classification and the Universal Decimal Classification. 1976. 9 p. /Trabalho apresentado ao FID/CCC Symposium on General Classification Systems in Changing World, Brussels, 1976/

ABSTRACT

OLIVEIRA, Regina Maria Soares de. Analysis of UDC aiming at its transformation in a universal lan guage for scientific information. Rio de Janei ro, 1977. 80 p. Thesis.

Study of the possibility of transforming UDC in a future universal language for scientific information. Analysis of this reform, partly based on proposals presented to FID by its Committees. Emphasis was given to the structural roots of UDC, as well as to its rich contents which can be utilized in its reformulation.